



CLAUS FARINA

# MITO, LENDA E HISTÓRIA

PEABIRU, PAY SUMÉ E GRAN PAITITI  
INTEGRAÇÃO CULTURAL PRÉ-COLOMBIANA  
NA AMÉRICA DO SUL

Porto Alegre  
2021







DEZEMBRO DE 2021

# MITO, LENDA E HISTÓRIA

PEABIRU, PAY SUMÉ E GRAN PAITITI

INTEGRAÇÃO CULTURAL PRÉ-COLOMBIANA NA AMÉRICA DO SUL

CLAUS FARINA





## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>1</b>
--------------------------	----------

### **CAPÍTULO I**

<b>O acervo indígena do MJC como testemunha da integração cultural pré-colonial.....</b>	<b>4</b>
--	----------

1 - Antebraço mumificado - Peru pré-inca - Peru .....	4
2 - Faca de estilo Inca - Peru .....	6
3 - Máscaras Ticuna - Amazônia, Brasil/Peru .....	8
4 - Máscaras Kalapalo - Xingu, Brasil .....	11
5 - Forma do Pé do Pay Sumé, RS/Brasil .....	11
6 - Zoólito origem Sambaqui de Torres, RS/Brasil .....	13
7 - Boleadeira mamilar de origem tradição Vieira RS - Brasil/Uruguai/Argentina .....	14
8 - Adorno de Penas do Alto Gurupi Maranhão - Brasil (Tupi/Tapajós) .....	16
9 - Adorno de Penas Coleção Barbedo - Mato Grosso - Brasil .....	16
10 - Leque de Penas Inhambu com Patchuli - Índios Tucanos do Pará - Brasil .....	19
11 - Cocar - Aldeia Rio Negro Okaia - Amazonas - Brasil .....	21
12 - Tambor da tribo Pakaás (Cultura Wari) - Rondônia - Brasil/Bolívia .....	23

### **CAPÍTULO II**

<b>Estimativas da população indígena em fins do séc. XV .....</b>	<b>26</b>
---	-----------

### **CAPÍTULO III**

<b>As relações do Império Inca com as civilizações amazônicas e demais povos indígenas e as tentativas de integração .....</b>	<b>30</b>
--	-----------

A - Origem e expansão do Império Inca e as civilizações amazonenses .....	30
B - Tentativas de Integração .....	34
C - O interesse inca na Amazônia .....	34

### **CAPÍTULO IV**

<b>Os sistemas de comunicação: viária (caminhos e estradas) e fluvial (rios e bacias hidrográficas).....</b>	<b>35</b>
--	-----------

A - O Peabiru .....	35
B - Nhamíni-wi .....	37
C - Mairapé .....	38

D - Capac Ñans .....	39
E - Sistema de Vias Fluviais .....	39

## **CAPÍTULO V**

<b>As migrações Tupi-Guarani .....</b>	<b>41</b>
--	-----------

## **CAPÍTULO VI**

<b>Difusão Cultural dos mitos e lendas - Pay Sumé e o Gran Paititi .....</b>	<b>43</b>
A - Cosmovisão dos Povos Originários .....	44
B - Pay Sumé .....	47
C - Gran Paititi .....	51
D - Llanos de Mojo, Bolívia, Acre e Serra de Parecis, Rondônia (Gran Paititi?) .....	58

## **CAPÍTULO VII**

<b>Outras evidências de uma integração cultural pré-colombiana .....</b>	<b>62</b>
--	-----------

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>66</b>
-----------------------------------	-----------

<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>69</b>
--------------------------	-----------

## APRESENTAÇÃO

O Museu Júlio de Castilhos (MJC), por meio da exposição “Memória e Resistência”, buscou realizar uma releitura do passado dos povos originários do Brasil e da América do Sul. A participação de membros das comunidades indígenas do Rio Grande do Sul foi relevante, visto que sua cosmovisão trouxe uma interpretação mais fidedigna dos objetos selecionados.

Conforme dados de 2006, a instituição possui, em seu acervo etnográfico, mais de 2 mil objetos de culturas indígenas da América do Sul. Muitos destes objetos, anteriores à chegada dos europeus no Novo Mundo, são oriundos da Região Andina, Amazônica, Bacia do Prata e regiões Central, Norte, Nordeste, Sul e Sudeste do Brasil. Atualmente (2021), está sendo elaborado um novo inventário com o objetivo de atualizar as informações quantitativas e descritivas do referido acervo.

No MJC, há objetos de várias épocas e locais, verdadeiros testemunhos de uma integração cultural muito antiga, o que motivou o início de uma pesquisa sobre o acervo etnológico, com vistas à produção deste trabalho.

Para começar, tornou-se necessário construir uma narrativa plausível que contemplasse uma relação entre determinado grupo de peças selecionadas do acervo etnológico do MJC, oriundas de várias partes do subcontinente sul-americano, que pudessem estar interligadas histórica e culturalmente.

Ao iniciar a pesquisa de fontes e autores em que pudesse encontrar um rumo seguro para a análise dos objetos, deparamo-nos com o artigo “Importância da Arqueologia para a Integração da América do Sul: O Legado do Império Inca”, de Alfredo José Altamirano, pesquisador peruano que trabalha no Centro de Cultura e Arqueologia Buziana, RJ.

Neste artigo, Altamirano destaca a importância do Império Inca no contexto sul-americano no século XV e primeiras décadas do século XVI, avaliando por meio de evidências arqueológicas a infraestrutura, os assentamentos e os objetos da cultura material incaica encontradas na região amazônica. Enfatizando um gigantesco sistema de estradas, as Capac-Ñans, como eram conhecidas as estradas reais incas, e de caminhos construídos pelos povos indígenas da parte ocidental da América do Sul, que iam do Oeste para o Leste amazônico e vice-versa. Além disso, também fizeram uso de três importantes rotas ou sistemas de caminhos construídos pelos povos originários da parte oriental sul-americana: a primeira, o Nhamíni-wi, ao norte partindo de Quito no Equador ou de Pasto na Colômbia seguindo até o Amapá; a segunda, o Mairapé, iniciando na Ilha de Marajó, embocadura do Rio Amazonas, seguindo pelo litoral e interior até a Bahia; e a terceira, ao sul, o sistema de caminhos do

Peabiru. Conforme Altamirano, os incas tinham interesse de integrar e comercializar a matéria prima aurífera de Roraima.

Neste contexto, Altamirano valeu-se do conceito de integração da Delta Larousse, que considera

“[...] o termo integração como ato ou efeito de integrar-se; reunião de um território, uma população, uma minoria; coordenação que permite a passagem de um serviço de transporte a outro, de uma rede a outra, num ponto determinado do percurso; incorporação de grupo minoritário a uma sociedade, com os mesmos direitos dos grupos majoritários” (Larousse 2001, p. 513 in Altamirano, 2008).

Altamirano acredita que o processo histórico de construção dos laços culturais dos povos indígenas sul-americanos pode ser demonstrado pelas novas pesquisas, que têm apontado a importância das relações do Império Inca com as civilizações amazônicas através destas rotas de comunicação entre o Atlântico e o Pacífico.

Outros pesquisadores têm apontado que os incas e os demais povos indígenas também utilizaram as vias fluviais das grandes bacias hidrográficas Amazônica, Orinoco, São Francisco, Tocantins-Araguaia, Paraná e Prata como rotas de deslocamento. Neste processo, encontram-se trabalhos etno-históricos que têm revelado esses deslocamentos, em especial as migrações Tupi-guarani em busca da Terra sem Mal. Esse deslocamento pode ter, inclusive, promovido uma grande movimentação de povos, contribuindo na disseminação de mitos ou lendas como Pay Sumé e o Gran Paititi, este podendo ter um protótipo histórico.

As evidências desse processo de difusão podem ser vistas na procedência de alguns objetos de uso cotidiano da cultura material em locais distantes de sua origem, seja por meio de trocas ou de técnicas de manufaturamento destes e de outros objetos distribuídos pelo subcontinente.

Novamente, a Arqueologia e a Etno-história têm mostrado a necessidade de repensar o passado sul-americano pré-colonial por conta das descobertas e estudos dos últimos 30 anos, que apontam um alto grau de organização das sociedades e das civilizações amazônicas, colocando em xeque inclusive as estimativas sobre o número real das populações indígenas no novo mundo, antes da chegada dos europeus, apresentando um continente com regiões densamente povoadas em locais que antes eram vistos como vazios demográficos. Isso pode significar que, por conta desta complexidade civilizacional, podemos pensar também em uma interação cultural bastante desenvolvida no século XV e enraizada a muito mais tempo do que se pensava.

Por ser um tema ainda pouco divulgado, o objetivo não está em dar respostas definitivas para um assunto tão complexo como a integração cultural pré-colombiana sul-americana, pois existe muito a ser pesquisado e aprofundado. Por isso, pretende-se provocar discussões a partir de mais pesquisas necessárias para ampliação e conhecimento ainda deficientes na literatura brasileira que abrange essa temática.

Como ponto de partida, começamos com a descrição de alguns objetos do acervo etnológico do MJC, seguindo de uma análise das estimativas da população indígena antes da chegada europeia, das relações do império inca com as demais civilizações indígenas, em especial as amazônicas, dos sistemas de comunicação viária e fluvial, as migrações Tupi-Guarani, a difusão dos mitos e lendas (Pay Sumé e Gran Paititi), e as evidências arqueológicas associadas, a propagação da cultura material que apoiam essa hipótese de uma integração cultural pré-colombiana.

## **CAPÍTULO I**

### **O acervo indígena do MJC como testemunha da integração cultural pré-colonial**

O Museu Júlio de Castilhos possui em seu acervo etnográfico indígena cerca de 2 mil peças, segundo dados de 2006. Em 2019, a sala indígena foi reformulada com uma nova exposição de longa duração chamada Memória e Resistência, composta por 97 peças representativas de um mosaico cultural capaz de demonstrar que não há “índio genérico”. O objetivo era criar um espaço destinado a expor objetos do acervo etnológico do Museu e atualizar a narrativa sobre os indígenas.

Nesta exposição, foi feita uma crítica institucional, cujos artigos, de revistas do museu dos anos 1950, citam os indígenas como “selvagens”. O processo de curadoria contou com a participação de membros das comunidades indígenas do estado do Rio Grande do Sul, que orientaram na interpretação de vários objetos do passado com base na cosmovisão indígena.

Conforme já foi citado na introdução deste trabalho, existiu uma grande integração cultural pré-colombiana na América do Sul, e o acervo do Museu Júlio de Castilhos possui muitos objetos das mais variadas culturas indígenas sul-americanas, inclusive da época pré-colombiana, que são verdadeiros testemunhos de uma antiga integração cultural. Ainda que o acervo etnológico do MJC tenha mais 2 mil peças, para tornar este trabalho viável, selecionou-se apenas alguns objetos.

1 – Antebraço mumificado - Peru pré-inca – Peru

**Figura 1 – Antebraço mumificado**



Fonte: Acervo MJC. Foto: Angelita Silva

**Figura 2 – Antebraço mumificado**



Fonte: Acervo MJC. Foto: Angelita Silva

**Figura 3 – Ficha catalográfica frente**

MUSEU JÚLIO DE CASTILHOS

Objeto: ANTEBRAÇO E MÃO MUMIFICADOS

NP de Ordem: 6016 NP de Catálogo: 2119 Et.

Pertenceu a: um chefe da civilização pré-incaica Época: Pré-incaica

Procedência: Nasca - Peru.

Modo de Aquisição: doação

Data da Aquisição: 09/11/1979

Doador: Casemiro Victório Tondo

Endereço: Duque de Caxias, nº1304 apto.1802 Fone: 25-45-30

Localização:

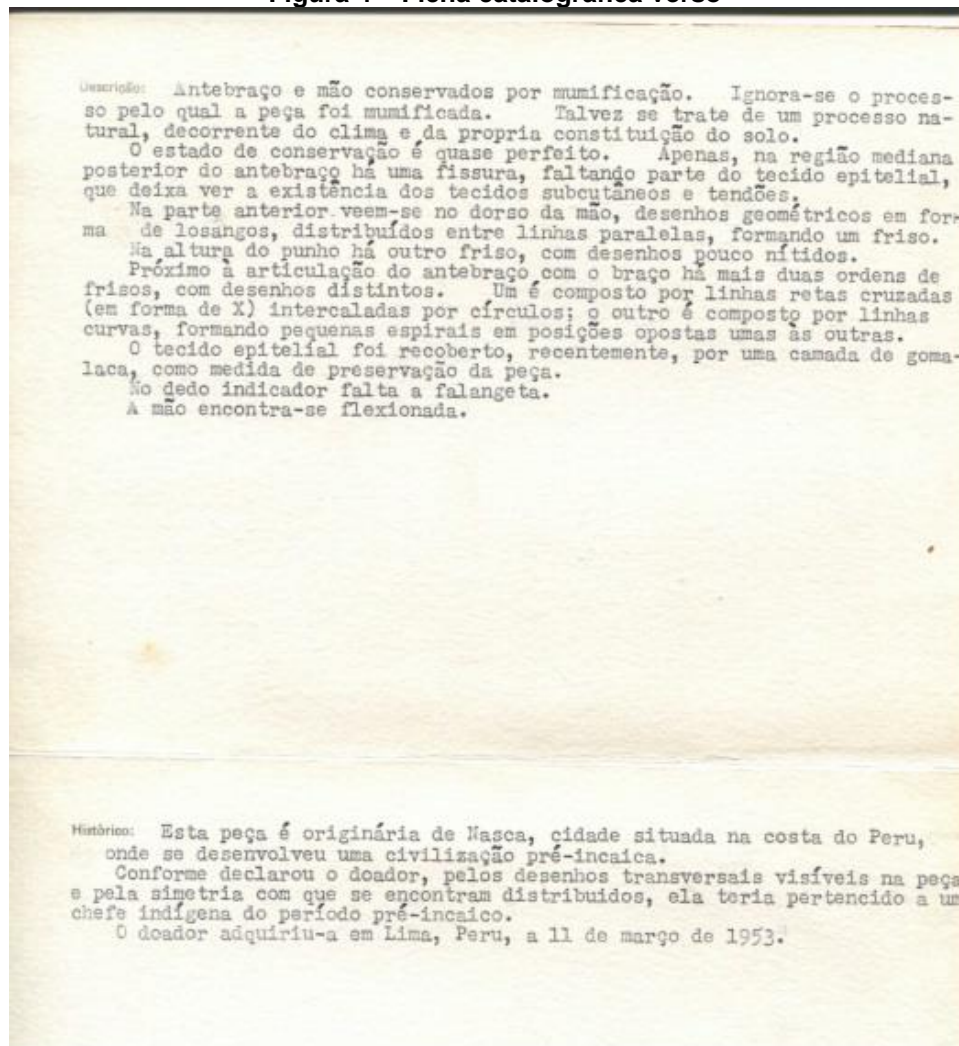
Material: Osso, tecido epitelial cornificado (unhas), tendões, tecido muscular, tecido epitelial, tinta e goma-laca.

Estado de Conservação: Perfeita

Dimensões: Comprimento total: 43 cm.

Fonte: MJC. Foto: Angelita Silva

Figura 4 – Ficha catalográfica verso



Fonte: MJC. Foto: Angelita Silva

Os povos andinos pré-incas e incas praticavam o processo de mumificação, especialmente das pessoas falecidas mais proeminentes. Junto às múmias, era enterrada uma grande quantidade de objetos do gosto ou utilidade do morto. De suas sepulturas, as múmias mallqui poderiam conversar com ancestrais ou outros espíritos huacas daquela região. No universo mitológico incaico, as múmias dos monarcas mortos, por vezes, eram chamadas a testemunhar fatos importantes e presidir vários rituais e celebrações.

2 – Faca de estilo Inca – Peru

**Figura 5 – Faca estilo Inca**



Fonte: Acervo MJC. Foto Angelita Silva

**Figura 6 – Faca estilo Inca**



Fonte: Acervo MJC. Foto Angelita Silva

As facas cerimoniais utilizadas pelos incas eram de vários tipos e tamanhos. A mais conhecida era a faca tumi, uma lâmina em formato circular ou semicircular, que antes do contato com o europeu era feita de bronze, cobre, ouro ou prata. Após a chegada destes, os incas passaram a produzir este objeto também em ferro. Os cabos, em sua maioria, eram retangulares ou trapezoides ricamente trabalhados.

A faca de estilo inca doada ao Museu Júlio de Castilhos é uma reprodução nos moldes das originais, tem seu cabo feito de cobre e bronze, como era manufaturado no período anterior a chegada dos europeus, e apresenta motivos incaicos. A lâmina, todavia, é feita de ferro que não fazia parte da cultura inca.

### 3 – Máscaras Ticuna Amazônia Brasil/Peru

**Figura 7 – Ilustração informativa**



#### **Máscara da Festa da Menina Nova – Povo Maguta**

Trata-se de um ritual de iniciação, em que a menina é colocada em um "quarto de isolamento". Passado esse tempo, acontece o ritual, quando a menina é enfeitada com colares cruzados sobre os seios e tem a cabeça preparada para a retirada dos cabelos com o uso de uma cera preparada com formigas (uma espécie de anestésico natural). Ao sair do quarto, o tio retira-lhe a primeira mecha de cabelo, enquanto os homens da tribo dançam em torno do local do isolamento usando as máscaras confeccionadas de entrecasca, uma fibra natural, cuja representação varia entre animais e demônios.



Fonte: MJC

**Figura 8 – Ilustração informativa**



#### **Máscara da Festa para o apapaatai**

São utilizadas pelos Waujá, povo que habita a bacia do rio Xingu, no Mato Grosso, principalmente nas festas do apapaatai - espírito causador de doenças. Para promover a cura nos casos mais graves, é necessária a organização de uma festa, que exige o preparo de vários objetos rituais, dentre os quais as máscaras. A festa se constitui em uma aliança entre o humano adoentado e o espírito causador dos males que o atacam. Na crença Waujá, o apapaatai, ávido por comida e festa, ao receber a homenagem do doente promoverá a cura e o protegerá de outros ataques de diferentes espíritos. As máscaras devem ser guardadas até que se desintegram ou que a hora do ritual de destruição da máscara chegue.



Fonte: MJC

**Figura 9 – Ilustração informativa**



## Máscara Tamakó

Utilizadas pelos Wayana-Apalay ("eu sou gente"), tribo da fronteira do Brasil com Suriname e Guiana Francesa (norte do Pará). Conta-se que os Wayana saíram para caçar e observaram um grande grupo de Tamakós (espíritos) que comiam frutinhas. Voltaram no dia seguinte e havia um número ainda maior deles. Então flecharam o menor Tamakó do grupo e um dos adultos comeu um dos índios, sendo os demais seguidos pelo bando até a aldeia. Para estabelecer a paz, o pajé prometeu aos Tamakós, entoando uma canção, que estes não seriam mais flechados pela tribo. Como agradecimento, os Tamakós prometeram proteger a tribo e, desde então, antes da construção da casa nova é realizada a Festa da Cumeeira (ocasião da construção de novas habitações), onde os Wayana vestem-se como Tamakós, com máscaras produzidas de fibras de arumã cobertas de cera de abelha e com pintura á base de tintas de barro branco e uma pedra vermelha.



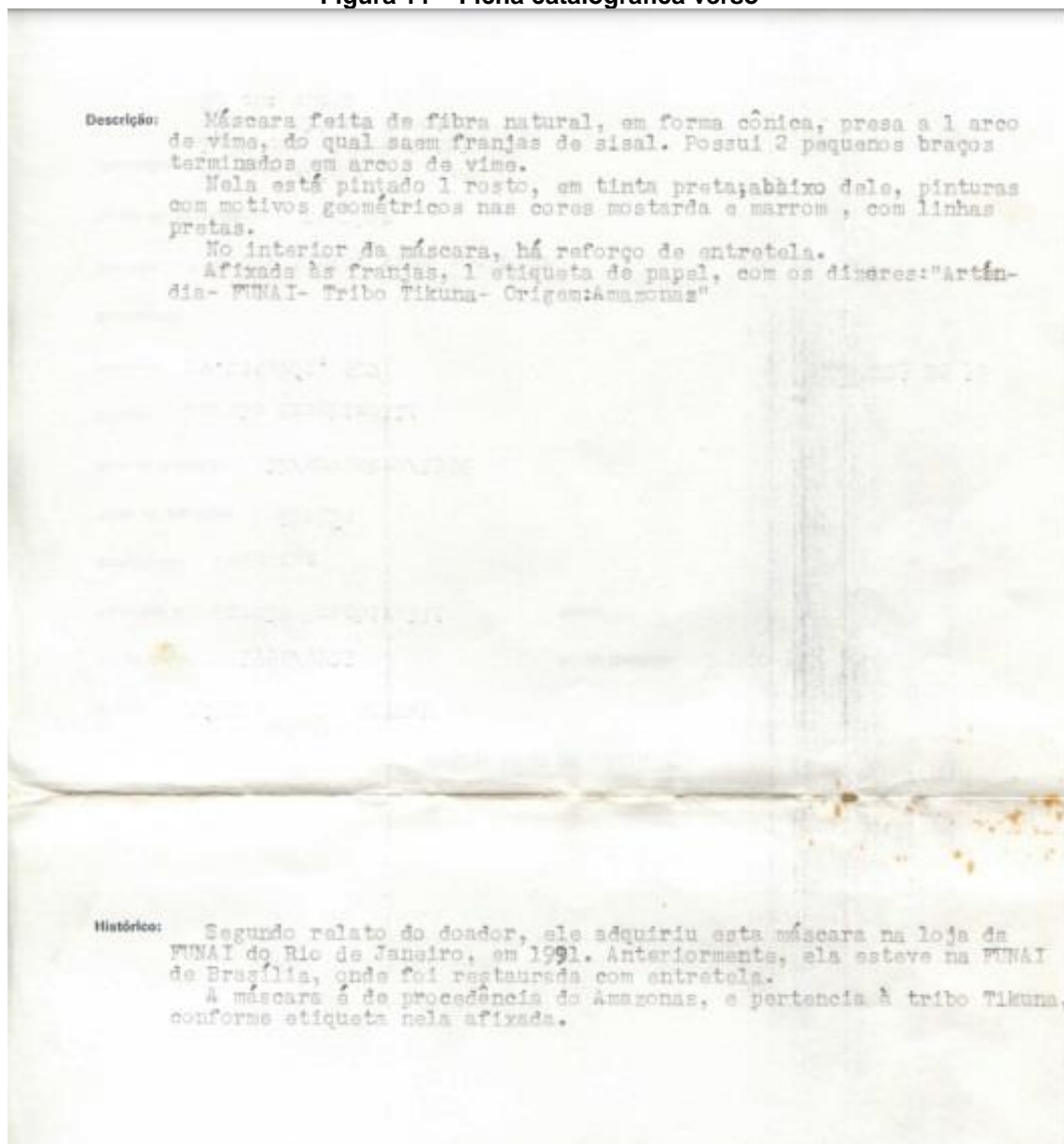
Fonte: MJC

**Figura 10 – Ficha catalográfica frente**

MUSEU JÚLIO DE CASTILHOS	
Objeto:	MÁSCARA PARA RITUAL
N.º de Ordem:	1996/9711
N.º de Catálogo:	2 200 3t
Pertenceu a:	Angelo Braghirolli
Época:	
Procedência:	Amazonas
Modo de Aquisição:	doação
Data da Aquisição:	12/novembro/1996
Doador:	Angelo Braghirolli
Endereço:	av. Niterói, 527
Fone:	223 86 38
Localização:	
Material:	fibra e tinta, vime e cordão
Estado de Conservação:	regular
Dimensões:	53 cm: diâmetro 1,27 cm: altura total 64 cm: altura franjas 83 cm: corpo

Fonte: Acervo MJC. Foto: Angelita Silva

Figura 11 – Ficha catalográfica verso



Fonte: Acervo MJC. Foto: Angelita Silva

Os ticunas possuem vários rituais para marcar fatos importantes, como a Festa da Moça Nova, que celebra a passagem da infância à puberdade das meninas. Durante o ritual, os homens confeccionam e usam máscaras cerimoniais feitas com entrecasas de árvores e pinturas naturais de acordo com a realidade de cada comunidade, imitando entidades ou animais. Representam os espíritos demoníacos que, em um tempo mítico, massacravam os Ticunas. Essas máscaras lembram à jovem índia que o perigo existe.

#### 4 – Máscaras Kalapalo – Xingu – Brasil

**Figura 12 – Máscaras Kalapalo**



Fonte: MJC

Conforme a antropóloga Ellen Basso, os Kalapalo são um dos quatro grupos de língua Karib que habita a região do Alto Xingu, englobando o Parque Indígena do Xingu. Algumas semelhanças entre mitos kalapalo e ye'cuana sugerem que os ancestrais dos Karibxinguanos deixaram a região das Guianas em tempos recentes, certamente depois de contatos com espanhóis, intensificados na região durante a segunda metade do século XVIII. Atualmente, os Kalapalo vivem em oito aldeias Aiha, Tanguro, Agata, Caramujo, Kunue, Lago Azul e Kaluane, todas no Rio Kuluene e seus afluentes, e na aldeia Tupeku, no limite sudeste do Parque.

Entre os rituais chamados undufe, estão as performances que incluem apenas os membros de uma aldeia particular. Esses rituais incluem os kanaundufegi, "undufe dos peixes"; os Ekeundefegi, "undufe das cobras"; Fugeyoto, ou "ritual do mestre dos arcos"; Agë, o "ritual da mandioca" realizado no momento da colheita, quando as Plêiades tornam-se visíveis; Afugagi; e outros que envolvem a manufatura e o uso de máscaras associadas aos itseke, "donos" da música: Kafugukuegi ("ritual do macaco bugio"); Afasa ("ritual canibal da floresta"); Zhakwikatu, Kwambi e Piju ("seres aquáticos poderosos"); e Atugua ("undufe do redemoinho").

#### 5 – Forma do Pé do Pay Sumé, RS/Brasil

O Museu Júlio de Castilhos possui em seu acervo um objeto de pedra da tradição Tupi-Guarani, de procedência da área subtropical, datado do século I (aproximadamente 2000 antes do presente), em formato que lembra um pé humano, sugerindo uma associação com a lenda do Pay Sumé. Trata-se de um seixo natural.

Figura 13 – Ficha catalográfica frente

*Boana Flou*

**MUSEU JÚLIO DE CASTILHOS**

Objeto: OBJETO DE USO DESCONHECIDO  
 (Natural ???)  
 Modo de aquisição:  
 Procedência: Área mata subtropical-RS  
 Número de ordem: 2937  
 Número de catálogo: 1935 Et  
 Estado de conservação: Perfeito  
 Características -Forma aproximada de uma planta de pé humano.  
 Espessura irregular.  
 Superfície polida.  
 Época: a partir de 2 000 anos  
 Tradição Tupiguarani  
 Dimensões: Comprimento - 35,8cm  
 Larg, maxima - 12 "  
 Doador:

Fonte: Acervo MJC. Foto: Angelita Silva

Figura 14 – Ficha catalográfica verso

Histórico: A forma curiosa desta peça, lembra o pé humano, sugere uma associação com a lenda da "Pégada de Sumé."

Bibliografia: KERN, Arno (org.). Arqueologia Pré-Histórica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Mercado Aberto. 1991

Fonte: Acervo MJC. Foto: Angelita Silva

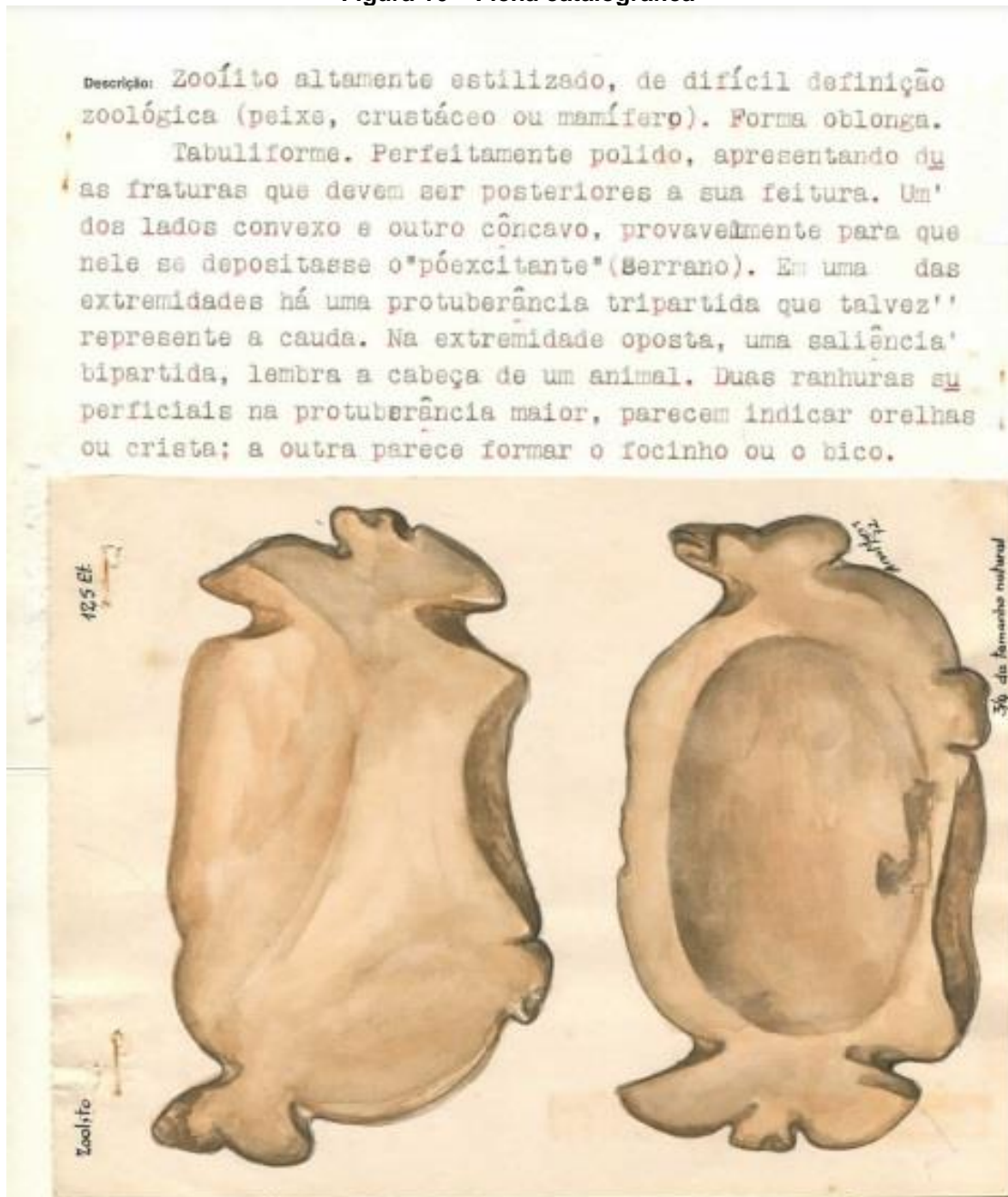
Figura 15 – Seixo natural



Fonte: Acervo MJC. Foto: Angelita Silva

6 – Zoólito origem Sambaqui de Torres RS, Brasil

Figura 16 – Ficha catalográfica



Fonte: Acervo MJC. Foto: Angelita Silva

**Figura 17 – Ficha catalográfica frente**

MUSEU JÚLIO DE CASTILHOS

Objeto: ZOÓLITO

N.º de Ordem: 651 N.º de Catálogo: 125 Et

Pertenceu a: Época: 2 000 anos atrás  
Afiliação cultural: Sambaqui

Procedência: Sambaqui de Torres RS

Modo de Aquisição:

Data da Aquisição:

Doador:

Endereço: Fone:

Localização:

Material: seixo rolado de rocha efusiva do triácico

Estado de Conservação: lascada em uma das protuberâncias e no corpo

Dimensões: comp. 16,5cm larg. 9,2cm espessura 1,7cm

Fonte: Acervo MJC. Foto: Angelita Silva

Zoólito é um artefato arqueológico construído em pedra, cuja aparência se assemelha a um animal. Daí a origem do nome (zoo=animal, e lito=pedra). Geralmente são produzidos por culturas pré-históricas, como os povos sambaquieiros do Brasil.

7 – Boleadeira mamilar de origem tradição Vieira RS, Brasil/Uruguai/Argentina

**Figura 18 – Ilustração**



Fonte: Acervo MJC. Foto: Angelita Silva

Figura 19 – Ficha catalográfica

*Moruna Flory*  
*OL*

**MUSEU JÚLIO DE CASTILHOS**

OBJETO: BOLA DE PONTA (Arma de arremêso - Charruas e Minuanos) *Namilar*

MODO DE AQUISIÇÃO:

PROCEDÊNCIA: Rio Grande do Sul ("Campanha" sudoeste e Planalto noroeste)

NÚMERO DE ORDEM: 1184

NÚMERO DE CATÁLOGO: 1322 -Et *Afiliação cult.: Tradição Visi-  
ra ? T. Umbu?*

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: Bom. Superfície levemente modificada por intemperismo.

MATERIAL: *Basalto*  
*namilar*

CARACTERÍSTICAS: Corpo esferóide sobre o qual há 8 excrescências mamelonadas, assimetricamente dispostas e de comprimento diferentes. Na linha mediana do corpo notam-se vestígios deixados pelo atrito da corda que a prendia. Superfície lisa, modificada pelo intemperismo.

DIMENSÕES: Circunferência do corpo 17 cm.  
Comprimento dos mamelões de 3,8 a 2 cm.

DOADOR:

Fonte: Acervo MJC. Foto: Angelita Silva

É uma espécie de funda, uma arma muito utilizada para caçar nas grandes pradarias do pampa riograndense, uruguaio (Charruas e Minuanos) e argentino, povos construtores dos cerritos.

8 – Adorno de Penas do Alto Gurupi Maranhão - Brasil (Tupi/Tapajós) e 9 – Adorno de Penas Coleção Barbedo - Mato Grosso - Brasil

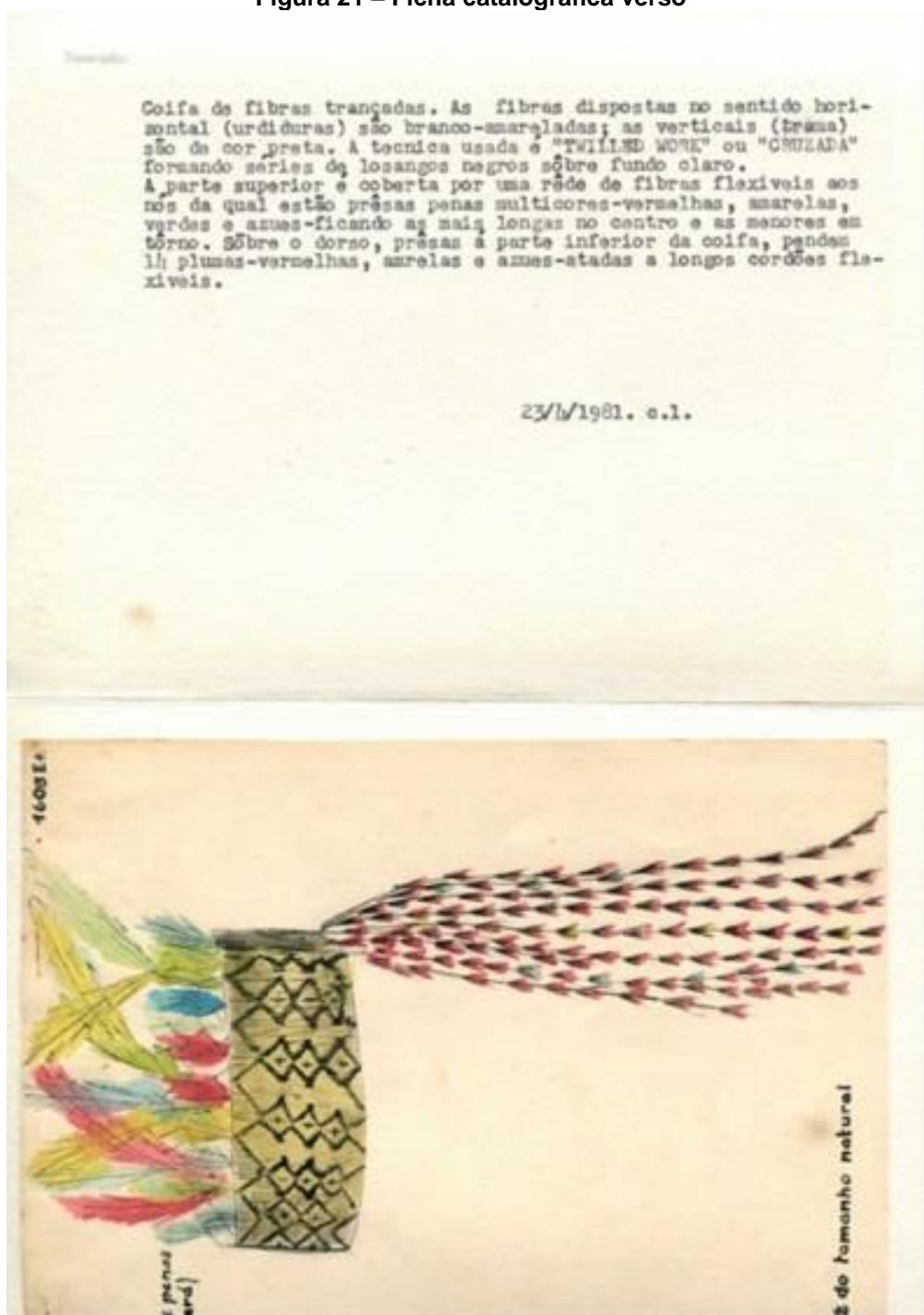
O uso da plumária em adornos corporais constitui uma prática desenvolvida por diferentes grupos culturais em distintos tempos e lugares. As plumárias dos indígenas brasileiros se assemelham no uso da matéria-prima, de certas técnicas e, muitas vezes, em suas formas, entretanto, é importante ressaltar que não é razoável afirmar a existência de um estilo plumária único entre os indígenas brasileiros. Conforme Evaristo Eduardo de Miranda (2007 p. 100), tanto o sistema Peabiru quanto as rotas fluviais serviram no comércio plumário e de outros artefatos, percorrendo e conectando as áreas de distribuição natural de espécies de aves. Existia comércio plumário entre os povos sul-americanos, as evidências foram descobertas pelos arqueólogos, confirmando as rotas e um sistema transandino de trocas que foram encontrados em adornos de múmias na costa semidesértica do Pacífico peruano.

Figura 20 – Ficha catalográfica frente

MUSEU JÚLIO DE CASTILHOS	
Objeto: ADORNO DE PENAS	(CANETARÀ) (Indios TENTES)
NP de Ordem: 448	NP de Catálogo: 1603 Et.
Pertenceu a:	Época:
Procedência: Alto Gurupí, Maranhão.	
Modo de Aquisição:	
Data da Aquisição:	
Doador: Engº João Oliveira Bello.	
Endereço:	Fone:
Localização:	
Material: Penas e fibras vegetais.	
Estado de Conservação: Várias penas atacadas pelas traças. A coroa de fibras cortadas em diversos pontos.	
Dimensões: Perímetro da coifa, 55cm. Largura 9,5 cm, Comprimento máximo das penas, 15cm.	

Fonte: Acervo MJC. Foto: Angelita Silva

Figura 21 – Ficha catalográfica verso



Fonte: Acervo MJC. Foto: Angelita Silva

Figura 22 – Adorno de penas



Fonte: Acervo MJC Foto: Angelita Silva

Figura 23 – Ficha catalográfica frente

MUSEU JÚLIO DE CASTILHOS

Objeto: **ADÓRNO DE PENAS.**

Nº de Ordem: **2637** Nº de Catálogo: **1600 St.**

Pertenceu a: **COLEÇÃO BARBEDO,** Época:

Procedência: **Mato Grosso.**

Modo de Aquisição: **Compra.**

Data da Aquisição:

Doador:

Endereço:

Localização:

Material: **Penas e fibras vegetais.**

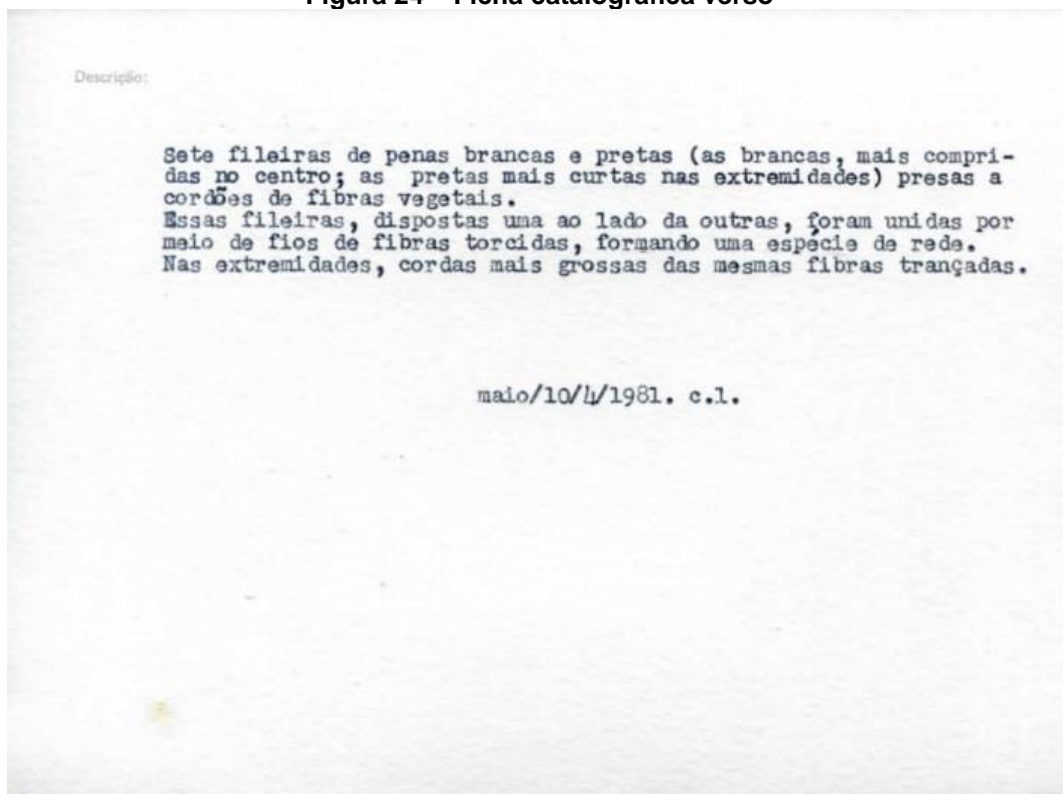
Estado de Conservação: **Quase todas as penas atacadas por traças.**

Dimensões: comp. total- **87cm.** comp. penas longas- **15 cm.** comp. curtas **6 cm.**

Fone:

Fonte: Acervo MJC. Foto: Angelita Silva

**Figura 24 – Ficha catalográfica verso**



Fonte: Acervo MJC. Foto: Angelita Silva

10 – Leque de Penas Inhambu com Patchuli - Índios Tucanos do Pará – Brasil

**Figura 25 – Leque de Penas Inhambu com Patchuli**



Fonte: MJC Foto: Angelita Silva

Figura 26 – Ficha catalográfica frente

**MUSEU JÚLIO DE CASTILHOS**

OBJETO: Leques de penas inhambú com patchuli

PERTENCEU A: Índios tucanos -do Pará.

ÉPOCA:

Nº DE ORDEM: 4340                      Nº DE CATÁLOGO: 2088Et

MODO DE AQUISIÇÃO: Doação 24/07/1978

DOADOR: Cora de "iguieredo Laydner.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: Regular, apresenta penas danificadas por traças e a fita mimosa branca rompida.

MATERIAL: Patchuli, penas, fios de algodão e de seda, veludo.

DIMENSÕES: Comp. das varetas: 0,14m

DESCRIÇÃO: Largura maior : 0,035m

Largura menor : 0,007m

Comp. penas preta: 0,14m

" " branca: 0,03m

" total varetas: 0,30m

Leque de feitiço artesanal indígena. Fibra de patchouli na base. O-abanador é um conjunto multicolorido formado por penas pretas, brancas, verdes e vermelhas. Fio de algodão na cor creme e fio de algodão na cor creme e fio de seda na cor amarelo e veludo na cor sulferino.

Fonte: Acervo MJC. Foto: Angelita Silva

Os leques de penas são usados por homens e mulheres xamãs para limpar a aura de uma pessoa. As penas têm a habilidade de entrar no seu campo energético e limpá-lo de energias negativas que ficaram coladas corpo. Também são usados em nível cerimonial para levantar o propósito ou a oração da pessoa que o possuir, são instrumentos muito sagrados para quem realmente reconhece o seu poder, nas cerimônias de Peyote, San Pedro, por exemplo, são um instrumento muito comum, assim como nas cerimônias de Yagé (ayahuasca).

Os leques são instrumentos rituais com os quais conectamos com o espírito do animal, assim, um leque feito de penas de aves carnívoras é muito mais potente e forte na hora de limpar energias negativas do que um feito com penas de aves que comem vegetais e grão, estes últimos são leques mais suaves, com uma energia mais calmante, embora também eficazes. Em alguns

lugares, as penas das aves carnívoras são penas de energia mais masculina e as penas dos que comem grão são mais femininas, independentemente de a ave ser macho ou fêmea.

Pode-se dizer que em grande parte das culturas indígenas, as penas são elementos simbólicos de grande poder, utilizadas em rituais, sejam como um instrumento ou utilizadas na roupa.

Fonte: <https://www.facebook.com/xondarocwb/posts/1423803521104659/>

11 – Cocar – Aldeia Rio Negro Okaia – Amazonas – Brasil

**Figura 27 – Cocar**



Fonte: Acervo MJC. Foto: Angelita Silva

Cocar é um adorno usado por muitas tribos indígenas americanas na região da cabeça. Sua função variava de tribo para tribo, podendo servir de adorno a símbolo de status ou classe na tribo. Geralmente é confeccionado de penas presas a uma tira de couro ou de outro material.

Figura 28 – Ficha catalográfica frente

MUSEU JÚLIO DE CASTILHOS

Objeto: ~~Cocar~~

NP de Ordem: 5006 NP de Catálogo: 2099 ET

Pertenceu a: Época: 1978

Procedência: A Ideia Rio Negro Okaia - Amazonas

Modo de Aquisição: Doação

Data da Aquisição: 20/3/79

Doador: Liège Ferrari von Mühlen

Endereço: Coronel Camisão, 132 Apto 201 - Higienópolis Fone: 42 53 16

Localização: Porto Alegre

Material: Penas, plumas, palha e fio vegetal

Estado de Conservação: Bom

Dimensões: Diâmetro total: 0,70 m  
" do orifício interno: 0,16 mm  
Largura da palha trançada: 0,8 mm  
Comprimento das penas do cocar: 0,32 m  
Comprimento do adorno de penas : 0,50 m - Comp. das penas: 0,36 m

Fonte: Acervo MJC. Foto: Angelita Silva

Figura 29 – Ficha catalográfica verso

Descrição: Cocar circular de palha trançada, onde estão fixadas as penas. A parte central é aberta para enfiar a cabeça. 26 penas dispostas horizontalmente, são arrematadas por plumas brancas, na base e na extremidade. A parte posterior não tem penas e esta amarrada com cordão de fibras vegetais. Nesta parte firmam-se duas penas em preto e branco amarradas a uma haste de madeira adornada com penas pequenas, vermelhas.

Fonte: Acervo MJC. Foto: Angelita Silva

12 – Tambor da tribo Pakaás (Cultura Wari) – Rondônia - Brasil/Bolívia

**Figura 30 – Tambor**



Fonte: Acervo MJC. Foto: Angelita Silva

Tambor (towa). Argila revestida com caucho (towa) de seringueira. Instrumento musical de percussão.

A voz e o canto são dominantes neste tipo de música, mas existe um muito variado instrumental de apoio e séries de peças orquestrais autônomas. A música indígena está indissoluvelmente ligada aos rituais mágicos de comunicação com o sobrenatural. Na maioria dos casos é associada à dança ritual. O ritmo é fluente, em geral, binário ou ternário, às vezes alternado em um mesmo verso.

Figura 31 – Tambor



Fonte: Acervo MJC. Foto: Angelita Silva

Figura 32 – Ficha catalográfica frente

MUSEU JÚLIO DE CASTILHOS

1 — Objeto: **TAMBOR**

2 — N.º de Ordem: **6277** N.º de Catálogo: **2155 Et.**

3 — Pertenceu a: **Tribo PACAS NOVOS** Época:

4 — Procedência: **Rondônia**

5 — Localização:

6 — Material: **Fibra**

7 — Estado de Conservação:

8 — Dimensões:

9 — Modo de Aquisição: **Doação**

10 — Data da Aquisição: **30.04.80**

11 — Doador: **Suzana Oliveira de Nunes**

12 — Endereço: Fone:

13 — Registrado por: **Sandra Teixeira**

Fonte: Acervo MJC. Foto: Angelita Silva

Os Wari são muitas vezes designados como Pakaa Nova, por terem sido avistados pela primeira vez no rio homônimo, afluente da margem direita do Mamoré, no estado de Rondônia.

Os Wari constituem um dos poucos remanescentes da família linguística Txapakura, dado que a maior parte dos falantes de línguas dessa família encontrava-se extinta já no início do século XX.

Atualmente, existem somente quatro grupos Txapakura: os Wari, os Torá, os Moré ou Itenes, que vivem na margem esquerda do rio Guaporé, um pouco acima da confluência com o Mamoré, em território boliviano, e os OroWin. Os últimos, encontrados em 1963 na região das cabeceiras do rio Pacaas Novos, foram exterminados por dois ataques dos brancos, restando não mais do que doze indivíduos adultos e algumas crianças, aldeados hoje no Posto Indígena São Luis, no alto rio Pacaas Novos. Existem ainda alguns indivíduos dispersos entre a aldeia de Sagarana, o PI Sotério e a cidade de Guajará-Mirim, que se dizem Cujubim, e que de sua língua falam apenas alguns vocábulos, o bastante, entretanto, para sabermos que se trata de língua dessa família.

Fonte: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Wari%27>

Os objetos apresentados interligam-se dentro de uma narrativa que tem como objetivo demonstrar através das evidências arqueológicas, antropológicas e etno-históricas uma integração cultural pré-colombiana. Por trabalharmos dentro da perspectiva anterior a chegada dos europeus, consideramos importante dar continuidade ao trabalho analisando inicialmente a discussão sobre as estimativas da população indígena pré-contrato.

## **CAPÍTULO II**

### **Estimativas da população indígena em fins do séc. XV**

Em 1542, o padre Gaspar de Carvajal, escrivão da expedição de Francisco de Orellana, descreveu durante a travessia do rio Amazonas até a foz a existência de grandes povoações ou cidades nas margens, sendo difícil precisar quando uma terminava e quando a outra começava, sugerindo uma região bastante povoada.

"[...]teria mais de oitenta leguas, todas povoadas, que não havia de povoado a povoado um tiro de balhesta, e as mais distantes, não se afastavam mais -de meia legua, e houve aldeias que se estendiam por mais de cinco leguas sem separação de uma casa para outra, o que era coisa maravilhosa de ver (Cabajal, Rojas e Acuña, 1941 p. 44).

Contudo, apenas algumas décadas depois, essa impressão passou a ser contestada diante do vazio demográfico encontrado pelas expedições posteriores.

Estimativas do número de pessoas que viviam na América quando Colombo aqui chegou alteraram muito ao longo do tempo. Conforme especialistas, a população indígena do século XV variava entre 8,4 milhões e 112,5 milhões de pessoas. O valor de 8,4 milhões, proposto por Alfred L. Kroeber, hoje está ultrapassado, pois não foram levadas em consideração as variações regionais. Estudos recentes apontam que no Império Asteca viveriam mais de 25 milhões de indígenas. Dada a fragmentação dos dados, os valores são muitas vezes produzidos por extrapolação comparativamente pequenos.

Em 1976, o geógrafo William Denevan apresentou uma "contagem consensual" de 54 milhões de pessoas, apesar de estimativas posteriores mais baixas. Com base numa estimativa de 50 milhões, em 1492, os indígenas estariam divididos em 25 milhões no Império Asteca, 12 milhões no Império Inca e 13 milhões para o restante da América, sendo que no Brasil a estimativa era de 1 milhão.

Todavia, nos últimos 30 anos, pesquisas e descobertas recentes em várias partes do continente, sobretudo na região amazônica, têm modificado radicalmente a visão tradicional. As críticas aos números apresentados anteriormente contestam a interpretação de que aqui existiria um grande vazio demográfico.

Conforme o historiador David Henigue, muitos dados são o resultado da aplicação de fórmulas arbitrárias aplicadas a números de fontes históricas não confiáveis, deficiência não reconhecida por vários pesquisadores, tendo muitas vezes bases ideológicas. As estimativas são o reflexo de noções europeias e de sua suposta superioridade cultural e racial, como argumentou o historiador Francis Jennings.

A história indígena pré-colonial reconstruída pela arqueologia pouco pode se beneficiar dos relatos de viajantes dos séculos XVIII e XIX e das etnografias do século XX, a não ser que esses dados sejam usados como hipóteses a serem contrastadas com o registro arqueológico. Os dados arqueológicos estão isentos das ideologias que defendem a incapacidade dos indígenas de agir assertivamente sobre o meio ambiente com o qual interagiram por milênios.

O relato do missionário espanhol Gaspar de Carvajal, em 1542, afirmando a existência na Amazônia de "uma cidade que se esticava por quilômetros sem qualquer espaço entre uma casa e outra", foi tido como exagerado. Contrariamente, em um curto espaço de tempo, de apenas 40 anos (1582), expedições na região em busca do El Dorado relatam não ter encontrado as populações indígenas mencionadas por aquele cronista, indicando, portanto, uma região despovoada apta para a colonização europeia.

Muito contribuiu para essa visão os trabalhos da pesquisadora Betty Meggers financiados pela empresa Smithsonian Institution defendendo a tese de que nenhuma população antiga conseguiria manter grandes sociedades na floresta amazônica, devido à pobreza dos solos e à escassez de recursos. Na visão de Meggers, as populações amazônicas seriam de caçadores e coletores em um número baixíssimo. Exceções como as sociedades Marajoara e Tapajônica seriam consequências de migrações andinas que, ao chegar a áreas de floresta amazônica, teriam entrado em decadência.

Essa tese passou a ser contestada na medida em que novas descobertas entre 1980 e 2010 colocaram em xeque o modelo tradicional. O manejo da terra (terra preta de índio), os geoglifos amazônicos na Bolívia e Brasil, as super aldeias do Alto Xingu, os estudos sobre as civilizações Marajoara, Tapajônica e Omágua (Alto Solimões) levaram a uma releitura dos cronistas do século XVI. Da mesma forma, os trabalhos arqueológicos sobre as civilizações indígenas nos EUA (Cahokia no Mississippi, Pueblos e outros) e na América Central têm demonstrado que a população indígena nesses locais era maior.

Pesquisadores como Anna Roosevelt, Alceu Ranzi, Denise Schaan, Martti Pärssinen, Michael Heckenberger, Sanna Saunaluoma, Charles Mann, Clark Erickson, Vera Tyuleneva, Isabelle Combès, Eduardo Góes Neves, Heiko Prümers, Carla Jaimes Betancourt entre tantos outros passaram a questionar os dados tradicionais.

Se a população indígena era maior, o que motivou esse decréscimo populacional? Para o frade dominicano Bartolomé de Las Casas, as atrocidades cometidas aos nativos pelos espanhóis foi uma das explicações. Hoje, os acadêmicos acreditam que, entre vários fatores, as doenças epidêmicas foram a maior causa do declínio populacional dos nativos americanos. O número de mortos, contudo, sempre foi subestimado.

Uma razão para o fato de o número de mortos ter sido subestimado é que as doenças chegaram antes da emigração europeia e mataram grande parte da população antes de observações terem sido feitas. Isto é, o contato no litoral entre os indígenas com os europeus provocou o alastramento das epidemias por meio de indivíduos contaminados e sem anticorpos, passando as doenças de pessoa para pessoa na medida em que estas se deslocavam para o interior do continente. Muitos imigrantes europeus chegaram anos após as epidemias terem eliminado muitos nativos, assumindo que estes tinham sido sempre pequenos em número.

Charles Mann calcula que, nos primeiros 130 anos de contato com os europeus, 95% da população americana tenha morrido. O resultado da chegada dos europeus significou a aniquilação das sociedades ativas e o consequente enriquecimento da Europa. A mudança de opinião sobre o número da população ganhou força por ocasião dos estudos sobre as sociedades amazônicas dos geoglifos de Bolívia e Brasil, argumentando que para as enormes construções de terra como aquelas ou os montículos piramidais em Llanos de Mojo (Bolívia) ou Cahokia (EUA) era necessário existir uma sociedade altamente organizada e muito numerosa. Conforme Sanna Saunaluoma, a região que compreende Llanos de Mojo (Bolívia), Acre e Rondônia era uma das áreas mais densamente povoadas do mundo no século XV.

No livro “1499, o Brasil antes da Cabral”, de Reinaldo José Lopes, a Amazônia tinha, segundo uma estimativa conservadora de 2015, cerca de 8 milhões de indígenas, incluindo Brasil, Peru, Bolívia e Colômbia. Para Michael Heckenberger, entre os séculos XIII e XVI havia ao menos vinte assentamentos no território tradicional dos Kuikuro, enquanto hoje só existem três aldeias. Com cerca de 50 hectares, as grandes vilas xinguanas dessa época são dez vezes maiores que as aldeias de hoje, com uma população na casa de alguns milhares de indígenas em cada local. Os pesquisadores calculam por baixo que 50 mil pessoas ou mais vivessem no Alto Xingu, na cidade jardim de Kuhikugu, no auge desse sistema. Curiosamente, no começo do século XVI, também havia cerca de 50 mil pessoas em Lisboa.

Desta forma, falar que em todo o novo mundo habitavam antes de Colombo cerca de 50 milhões de indígenas é uma estimativa muito baixa, sendo que metade estaria apenas no México. Mesmo no Peru, a estimativa de 12 milhões é conservadora e hoje se admite que em todo o império tivesse mais de 20 milhões. Treze milhões de índios para o restante do continente é defender que aqui era um grande vazio demográfico, justificando uma invasão.

H. F. Dobyns propõe que em 1491 o hemisfério americano tivesse uma população entre 90 milhões e 112 milhões de índios. No Brasil, se na região amazônica eram 8 milhões em 1500, é improvável que em todo o país teria,

conforme a FUNAI insiste, entre 1 milhão e 3 milhões de indígenas. O pesquisador indígena Ailton Krenak afirma, no documentário Guerras do Brasil, 1º episódio, que aqui antes da chegada dos portugueses os indígenas eram entre 8 milhões e 40 milhões.

Este trabalho defende uma estimativa séria sobre a população dos povos indígenas brasileiros, em 1500, partindo de 10 milhões, dividida em diversas tribos, nações e cada povo possuindo sua própria cultura, religião e costumes, como defende a Survival International entre outras instituições e pesquisadores.

### **CAPÍTULO III**

#### **As relações do Império Inca com as civilizações amazônicas e demais povos indígenas e as tentativas de integração**

##### **A – Origem e expansão do Império Inca e as civilizações amazonenses**

Ao longo dos anos, vários estudos têm buscado dar uma explicação para a origem dos povos originários do continente americano. A tese de uma origem autóctone está atualmente descartada. Hoje, com base na arqueologia, na linguística, na análise craniana de alguns indivíduos, levaram a aceitação de várias migrações por diversos caminhos. A passagem entre a Sibéria e o Alasca em um tempo em que o nível do mar era mais baixo, formando uma ponte entre dois continentes (América e Eurásia), conhecida com Beringia, ainda é a mais aceita pela comunidade científica. (Lehmann, 1979.)

Contudo, devido aos novos estudos sobre a linguística e a conformação de alguns crânios, bem como a capacidade de navegação dos polinésios, admite-se que em algum momento do passado devem ter acontecido algumas migrações transoceânicas entre a Oceania e a América. (Lehmann, 1979.)

Em 1491/92, entre 90 e 112 milhões de indígenas habitavam as Américas. Na América do Sul viviam no Império Inca algo em torno de 20 milhões de pessoas, no que hoje é o Brasil, existiam cerca de 10 milhões de indivíduos, na Amazônia Colombiana, Peruana, Venezuelana, Guianas e Suriname algo em torno de 10 milhões e mais uns 5 milhões no restante do subcontinente.

Nos séculos XV e XVI, o Império Incaico se espalhou por vários países sul-americanos. Conforme o trabalho de Altamirano, os incas desenvolveram um eficiente sistema de caminhos e estradas reais as Capac Nans (ou Qhapaq Ñans). As Capac Nans eram uma extensa rede de estradas e caminhos usadas pelos incas no século XV, que teve como objetivo a articulação do Tawantinsuyu para uma eficiente administração dos recursos ao longo de todo o território do Império. Conhecido desde o século XVI como caminho real, funcionava como uma coluna vertebral do império incaico, irradiando a partir de Cuzco para as regiões norte (Chinchasuyo), sul (Collasuyo), leste (Antisuyo) e oeste (Contisuyo). Com essa extensa rede de estradas, os incas conseguiram a conexão dos diversos territórios e suas particularidades no que hoje conhecemos como Peru, Equador, Colômbia, Bolívia, Chile e Argentina.

**Figura 33 – Machu Picchu**



Fonte: <https://kbperu.com/machu-picchu/machu-picchu-tips/>

O Império Inca é a última grande civilização pré-colombiana indígena do pacífico e da cordilheira do Andes. A primeira grande civilização foi o estado Caral-Supe que atingiu seu auge entre 3000 e 2000 A.C, conforme a arqueóloga e pesquisadora peruana Ruth Shady Solís. (Solís, 2006). Ao que tem sido apurado das pesquisas, Caral-Supe produzia artefatos como redes de pesca entre outros objetos que eram trocados por pescados e produtos agrícolas, como o milho produzido pelas comunidades do entorno (Solís, 2006). Entre 1500 e 200 A.C., prosperaram as civilizações Chavin, Viscachani, Kuntur Wasi, Chorrera entre outras. O período Formativo Tardio entre 200 A.C. a 100 da nossa era, teve como destaque as culturas Virú, Salinar e Vicus (Altamirano, 2008).

No chamado período intermediário inicial (100 a 700), desenvolveram-se civilizações e reinos como Moche, Lima, Nazca e Warpa. Entre os anos de 700 e 1200 da nossa era, caracterizou-se pelas culturas Pachacamac, Lambayeque, Sican e, Paracas e Tiwanaku, vários reinos, além de médios e pequenos estados. Por fim, entre 1200 e 1500 caracterizou-se pelos grandes reinos e impérios Wari, Chimú, Cajamarca, Chanca, Chachapoyas e Inca (Altamirano, 2008).

A história Inca inicia-se por volta de 1100, quando o lendário Manco Capac fundou o reino de Cuzco, iniciando a dinastia incaica. Entre 1100 e 1430, o Reino de Cuzco era apenas mais um pequeno estado andino. Tudo mudou quando, em 1438, a cidade-estado viu-se ameaçada de invasão pelo reino dos Chancas. O rei de Cuzco, Viracocha Inca, foi incapaz de organizar a defesa e retirou-se. Um de seus filhos, conhecido pela história como Pachacuti Inca Yupanqui, fundador do império, reinando de 1438 a 1471, assumiu a liderança e organizou a defesa, virando a situação e derrotando os Chancas, iniciando a construção de um gigantesco estado por meio de guerras de conquista e absorção pacífica de vários pequenos e médios reinos, ampliando o território (Favre, 1992).

A consolidação aconteceu no reinado de seu filho, Topa Inca Yupanqui (imperador de 1471 a 1493), quando o império praticamente atingiu sua expansão máxima (Huayna Capac, imperador de 1493 a 1525, ainda incorporaria a região do atual Equador durante seu reinado) adotando um tipo de modo de produção tributário avançado (Peregalli, 1987), tendo os grãos de milho sido utilizados como moeda de troca em todo o império. Os incas dispunham de um sistema de registro das informações, uma escrita tridimensional, o Quipu, uma arquitetura monumental e um sofisticado sistema de estradas, as Capac Nans (Favre, 1992).

Por outro lado, desenvolveram-se as civilizações amazônicas com base em um modo de produção comunitário ecológico que possibilitou o surgimento de civilizações sofisticadas que tinham como base o uso da terra, a construção de canais, elevados, monumentais obras de terra (geoglifos) e grandes montículos piramidais e tesos, além de pomares, piscinas e lagos artificiais (Lopes, 2017). Entre as culturas amazonenses, estava disseminado o manejo da “terra preta”, um tipo de solo fértil antropogênico, resultante da ação humana, produzido pela combinação de carvão vegetal, cerâmica e matéria orgânica de origem vegetal e animal (Lopes, 2017).

Estima-se que entre 10000 A.C. e 6000 A.C., a Amazônia já estava bem povoada e organizada em sociedades de caçadores, coletores e pescadores (Altamirano, 2008). Durante o período arcaico (6000 A.C. e 2000 A.C.) caracterizou-se as sociedades dos sambaquis, dos horticultores de mandioca, araçá, tucum e jerivá (Altamirano, 2008).

No período formativo (2000 A.C. a 1200 D.C.), tem-se a introdução da cerâmica, a continuidade da horticultura, a tradição Uru, Sapucaí, Una (pro-Ge) e Aratu (Altamirano, 2008).

**Figura 34 - Reprodução digital da Cidade Jardim de Kuhikugu no século XV**



Fonte: <http://numerocinqmagazine.com/wp-content/uploads/2016/12/Kuhikugu.jpg>

A partir de 1200, aparecem as grandes chefaturas, civilizações amazonenses Xinguana, Marajoára, Tapajônica, Omágua, Jivaro, Mojos e as culturas Tupi-Guarani, Karib, Kayapós, Ge, Arawak entre outras.

**Figura 35 – Cerâmica Marajoara**



Fonte: <https://laart.art.br/blog/arte-marajoara>

**Figura 36 – Cerâmica Tapajônica**



Fonte: <https://mobile.twitter.com/ccostah/status/976656899902005250/photo/1>

## B – Tentativas de Integração

Altamirano sugere que entre os séculos III e V D.C. pode ter havido uma primeira tentativa de integração entre os andinos e os amazônicos, propondo que a civilização Marajoara estava estabelecendo contato com as culturas San Agustin (Colômbia) e Vicus (Peru), indicando a existência de duas rotas. A primeira pelo litoral da Venezuela e Guianas até a embocadura do Amazonas, a segunda era a rede fluvial do rio Amazonas.

Uma segunda tentativa de integração teria acontecido entre 1000 e 1500 e ocorreu quando a civilização Tapajônica parece ter tido contato com as civilizações Chimu, Lambayeque, San Agustin, como demonstra Altamirano em seu artigo ao comparar os desenhos de círculos, cruzes, felino amazônico nos vasos de cerâmica e na forma do gargalo destes (Altamirano, 2008). A terceira tentativa de integração proposta por Altamirano corresponderia à expansão dos Tupi-guarani, originalmente de Rondônia (Brasil), para se disseminar pelo Equador, Peru, Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai, abrindo caminhos pelas florestas.

Finalmente, uma quarta tentativa de integração seria justamente a expansão do Império Inca, entre 1438 e 1526. O avanço inca na Amazônia teria se iniciado no final do reinado de Pachacuti, em 1471, e continuado com Topa Inca Yupanqui, entre 1477 e 1479, e Huayna Capac, após 1493.

## C – O interesse inca na Amazônia

Em seu estudo, Alfredo José Altamirano acredita que os incas devem ter realizado algum intercâmbio com as civilizações amazônicas, marajoaras, tapajós, omáguas, jivaros, mojos e xinguana, entre outras, por meio da troca de produtos, alimentos e sementes. Outra razão para o interesse inca na região é apontada por Vera Tyuleneva, Isabel Combés, Roberto Levellier e Martti Parssinen que consiste no fato de que os incas tinham conhecimento da existência de ouro e minérios, o que motivou o avanço incaico na Bolívia e, possivelmente, no Brasil com incursões em Rondônia, Acre e Mato Grosso, entre 1471 e início do século XVI (Roberto Levellier, 1976). O ouro para os incas tinha um valor mítico religioso, relacionado com o poder divino do Sol. Altamirano também acredita na hipótese de que os incas sabiam da existência do ouro e minérios, afirmando que teriam estabelecido algum tipo de entreposto através de uma rede de tambos numa rota que chega até Roraima e Amapá, o Nhamíni-wi.

## CAPÍTULO IV

### Os sistemas de comunicação: viária (caminhos e estradas) e fluvial (rios e bacias hidrográficas)

#### A – O Peabiru

Figura 37 – Rota principal do Peabiru



Fonte: <https://www.xapuri.info/arqueologia/caminho-peabiru-estrada-inca>

Como foi observado anteriormente, um processo de integração já vinha acontecendo, e um sistema de caminhos e estradas estava bastante difundido. Dentre os caminhos criados pelos indígenas do lado leste da América do Sul, destaca-se o sistema Peabiru e seus ramais.

O Peabiru é um antigo sistema de caminhos pré-colombianos com mais de 4 mil km de extensão, unindo o oceano Atlântico ao oceano Pacífico, conforme Igor Chmyz. A origem desse sistema é possivelmente de índios (Ge ou Guarani) do território brasileiro, como defende Igor Chmyz e Rosana Bond. Todavia, Luiz Galdino acredita que ao menos uma parte pode ter sido feita pelos incas. Existe uma terceira hipótese que defende que o Peabiru foi uma obra tanto de indígenas brasileiros quanto dos incas. O Peabiru saía de Cusco, atravessava o rio Madre de Dios (Peru), Chile, Beni (Bolívia), Rondônia, Mato Grosso, Bolívia, Paraguai, Paraná, Santa Catarina e São Paulo (Brasil), com ramais ligando a Amazônia ao Rio Grande do Sul e ao Rio da Prata.

**Figura 38 – Sistema de caminhos do Peabiru e seus ramais**



Fonte: <https://www.cultseraridades.com.br/wp-content/uploads/2020/12/Peabiru.jpg>

Segundo Luiz Galdino (2002), próximo a essas rotas “existem petróglifos, formando um corredor de inscrições rupestres”, em estilo “boliviano”. A existência de minas pré-colombianas em seu itinerário, de vestígios da cultura megalítica do período formativo, orientados astronomicamente e as “pegadas” gravadas na rocha atribuídas pelos indígenas à figura mitológica do Pay Sumé, constituiriam, até hoje, parte dessas estradas pré-colombianas.

**Figura 39 – Petróglifo do caminho do Peabiru**



Fonte: <http://omundovariavel.blogspot.com/2015/06/peabiru-estrada-inca-que-cortava-o.html>

A pesquisa de Igor Chmyz, da Universidade Federal do Paraná, identificou cerca de 30 quilômetros remanescentes da trilha na área rural de Campina da Lagoa (PR). De acordo com Chmyz, “nos atuais estados do sul do Brasil existem trechos preservados de um caminho muito peculiar que vem sendo interpretado como ramais do caminho do Peabirú”. Segundo alguns cronistas, que passaram pelo Peabiru durante o século XVI, o caminho formava um leito coberto por gramíneas. Portanto, antes da chegada dos europeus, o Peabiru já havia se tornado um fator de integração entre os povos indígenas do atlântico e do pacífico, por meio de troca de produtos, sementes e conhecimento no manejo da terra, tendo sido depois utilizado pelos jesuítas e bandeirantes.

O Peabiru aparece vinculado ao mito indígena de Pay Sumé, Pay Tumé ou Tonapa (na Bolívia e no Peru), descrito como um herói civilizador, homem branco de meia idade, barbado, de cabelos longos e vestido com uma túnica, que pregava e transmitia conhecimentos como a agricultura, o uso do fogo e a organização social; depois foi interpretado, pelos missionários jesuítas, como o apóstolo São Tomé (assunto trabalhado em tópico específico).

B – Nhamíni-wi

**Figura 40 – Sistemas de caminhos e estradas**



Fonte: Altamirano, 2008, p. 110

Conforme Altamirano (2008), no território dos Yanomami, nas selvas do Pico da Neblina, encontra-se um caminho transitável por 700 km que os indígenas limpam todo o ano por causa de suas visitas intertribais. Acredita-se que essa tradição começou por conta de um mito local, narrando a existência de um grande caminho que alcançava as montanhas dos Andes, ou como os

Yanomamis chamam de "casa da noite", onde o sol desaparece (Altamirano, 2008).

O pesquisador Roland Stevenson (Altamirano, 2008) trabalhou vários anos na região e acredita que esse resto de caminho andino-amazônico pode inclusive explicar uma parte da lenda do El Dorado, devido à semelhança na constituição com as obras construídas pelos índios Chachapóias. Stevenson pesquisou no Alto Rio Negro, seguindo a rota do pesquisador brasileiro do século XIX, Barbosa Rodrigues, encontrando estruturas líticas de blocos ligeiramente talhados em forma de paralelepípedo, sem argamassa de barro, disposto pelo caminho. Esta construção, conforme Stevenson, seria os restos de um tambo incaico, próximo do rio Papuri em São Pedro no estado de Roraima. Próximo ao local existe um petroglifo em forma de llama. Muitos pesquisadores discordam da possibilidade das llamas poderem se adaptar à região amazônica. Curiosamente, Cavajal menciona em seu relato a existência de llamas do Peru na região amazônica no século XVI.

"Nessa terra possui tal senhor muitas ovelhas das do Perú e é muito rico em prata, segundo nos diziam os índios" (Cabajal, Rojas e Acuña, 1941 p. 44).

Quanto à possibilidade de adaptação, sabe-se que em Manaus, no estado do Amazonas, existe um criador de llamas na fazenda São Salvador, km 16 da BR 10 (Altamirano, 2008). Segundo Stevenson (Altamirano, 2008), o Nhamíni-wi representava no período inca uma de suas mais importantes rotas de fontes auríferas na região do atual estado de Roraima e Amapá.

## C – Mairapé

Conforme Isabel Combès, e como vimos a pouco, o Peabiru não era o único grande sistema de caminhos do leste sul-americano, pois além deste também existia o sistema Mairapé, um caminho menor com ramais que ligavam o litoral da Bahia com a Amazônia. Este sistema de caminhos é menos conhecido e estudado, mas algumas partes já foram identificadas, embora seu traçado completo ainda seja desconhecido. O Mairapé estaria ligado a lenda de Maire-monan, estudado por Alfred Métraux em seu clássico trabalho "A Religião dos Tupinambás".

"Ao lado de Monan, os tupinambás colocam outro, a que qualificam de Maire. Segundo Thevet esse nome significa "transformador", designação perfeitamente conveniente a um deus, que "deu ordem, de acordo com o seu bel prazer, a todas as coisas, afeiçoando-as de vários modos e, em seguida, convertendo-as em diversas figuras e formas de animais, de pássaros e de peixes, de conformidade com as regiões; até, mudando o homem em animal para puni-lo, como bem lhe parecia, por sua maldade". (Métraux, 1950, p.41).

Maire-monan representaria uma só pessoa assumindo o aspecto de feiticeiro. O Mairapé, ou caminho de Maire, portanto seria atribuído a esta entidade indígena. Faltam estudos mais aprofundados, porém sabe-se que este sistema de caminhos era utilizado pelos povos originários em suas migrações. Acredita-

se inclusive que os Tupis possam mesmo tê-lo utilizado em sua migração de Rondônia, passando pelo rio Amazonas e depois seguindo pelo litoral do nordeste.

#### D – Capac Ñans

Como vimos anteriormente, nos séculos XV e XVI, o Império Inca se expandiu por um imenso território. Para integrar esse grande império, os incas desenvolveram o eficiente sistema de estradas reais, as Capac Nans, extensa rede de estradas e caminhos usada pelos incas no século XV, que teve como objetivo a articulação do Tawantinsuyu. Com essa extensa rede de estradas, os incas conseguiram a conexão dos diversos territórios e suas particularidades.

#### E – Sistema de Vias Fluviais

Além das estradas, outra forma de deslocamento utilizada eram os rios das Bacias Amazônica, Orinoco, São Francisco, Tocantins-Araguaia, Paraná e do Rio da Prata. De acordo com Evaristo Eduardo de Miranda (2007 p. 100), estudos recentes têm demonstrado que tanto o sistema Peabiru quanto as rotas fluviais “serviram no comércio plumário e de outros artefatos percorrendo e conectando as áreas de distribuição natural de espécies de papagaios, arara, jandaia etc, facilitando o acesso e caça de aves, servindo para a confecção de artefatos de plumas”, havendo assim uma grande rede de trocas e comércio.

A descoberta do comércio plumário entre os povos sul-americanos pelos arqueólogos foi importante, as rotas e um sistema transandino de trocas foram encontrados em adornos de múmias na costa semidesértica do Pacífico peruano.

Esse grande sistema de vias fluviais e de caminhos por terra promoveu, naturalmente, uma grande difusão cultural que, em muitos aspectos, influenciou arranjos dentro do mundo mágico/sobrenatural do pensamento dos aborígenes americanos. Em especial, alguns padrões rítmicos, melódicos e modais das escalas musicais indígenas que aparecem em diversos locais e culturas na confecção e no modo de tocar os instrumentos, como tambores, percussões diversas, flautas e outros. Tema a ser desenvolvido em um próximo trabalho, a partir de embasamento musicológico e etnomusicológico.

Em 1492, a complexidade civilizacional amazônica e seu relacionamento com o império inca e a região andina era muito maior do que se pensava, confirmando uma interação cultural bastante antiga e enraizada. Na região amazônica, em função de algumas características comuns, como a construção de aterros (terraplanes), geoglifos, montículos piramidais, o manuseio da terra preta, pode-se pensar que talvez houvesse uma região irradiadora dessa técnica de trabalhos e obras de terra, e que possivelmente essa civilização poderia ser a

dos Llanos de Mojo em conjunto com as civilizações Marajoara, Xinguana, Omágua e Tapajônica, que compartilham dessas técnicas de construção de aterros, trincheira e montículos ou tesos, lagos artificiais, pomares etc.

**Figura 41 – Geoglifo no Acre**



Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/822>

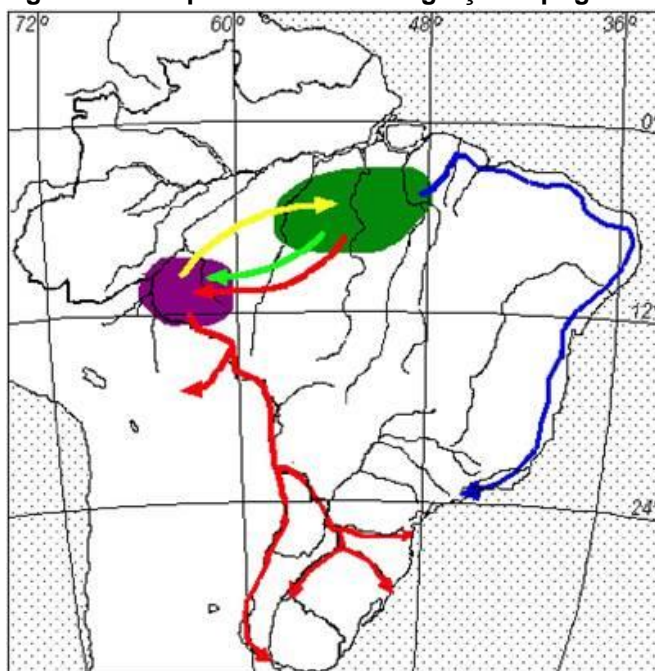
Contudo, se houve uma irradiação cultural, esta não seria de autoria exclusiva da civilização de Llanos de Mojo e das civilizações amazonenses, com os incas e demais povos andinos e da costa do pacífico. É possível que uma grande movimentação de povos possa ter contribuído decisivamente para uma maior difusão cultural aprofundando o processo de integração. Dentre os estudos sobre a movimentação de povos sul-americanos antes dos europeus, tem-se observado e muito pesquisado as constantes migrações dos Tupi-guarani e a difusão de mitos e lendas pela América do Sul, em especial o mito do Pay Sumé.

## CAPÍTULO V

### As migrações Tupi-Guarani

As pesquisas mais recentes, de acordo com Martin Parssinen, apontam que, entre os séculos X e XIII, os guaranis, do grande tronco linguístico tupi-guarani, migrando de Rondônia, teriam se disseminado pelo Equador, Peru, Bolívia, Guiana francesa, Paraguai e Uruguai, incluindo Argentina e parte do norte do Chile. No Brasil, um grupo (guarani) seguiu do rio Madeira para a bacia do Paraná, chegando ao Rio Grande do Sul antes de iniciar sua rota para leste e para o norte, seguindo então o litoral brasileiro até o Paraná. Outro grupo (tupi) desceu pelo litoral norte-nordeste, talvez se utilizando do sistema de caminhos do Mairapé até o sul de São Paulo. Construíram várias trilhas pela floresta, o Peabiru (que significaria segundo alguns o “caminho ao Peru”), locomoviam-se, também, pelas redes fluviais, movimentando-se de acordo com as pressões sociais, políticas e ritualísticas em busca da “terra sem mal”.

**Figura 42 – Mapa das rotas de migração tupi-guarani**



Fonte: <https://www.scielo.cl/img/revistas/lyl/n36//0716-5811-lyl-36-00299-gch3.jpg>

Presume-se que seria um período de intenso conflito caracterizado pelas chefias tardias devido ao incremento demográfico, agricultura, especialização na pesca, artesanato e sua religião xamânica, podendo significar também que nessa migração do rio Madeira para a bacia do Paraná, os guaranis teriam estabelecido algum tipo de contato com as civilizações pré-inca e inca, contrariando boa parte do pensamento acadêmico que rejeita esse contato antes do século XV.

Para Martin Pärssinen, a ideia corrente de que os guaranis não teriam penetrado a área de fronteira Inca, na Bolívia, antes dos séculos XV ou XVI, tem de ser rediscutida. Examinando a documentação histórica e baseada em datações radiocarbônicas obtidas em sítios na Bolívia oriental, com presença de cerâmica corrugada e ungulada, Pärssinen conclui que os primeiros grupos guaranis teriam entrado na atual Bolívia mais de mil anos antes do estimado.

Outra questão referente às migrações Tupi-guarani, relaciona-se com sua religião que, de acordo com as pressões sociais, políticas e ritualísticas em busca da “terra sem mal”, instigava uma constante peregrinação que provocava uma grande movimentação de povos por conta de seu caráter guerreiro. Conforme Bartholomeu Melia, a Terra Sem Mal seria uma espécie de paraíso onde não haveria doenças, morte.

As constantes movimentações dos Tupi-guarani, de acordo com Altamirano, levaram mesmo a confrontos destes com os Incas nas chamadas guerras Incas Guaranis, no século XV. Posteriormente, em 1524, Aleixo Garcia, um náufrago sobrevivente da expedição de Juan Dias de Solís (1515/16), organizou uma expedição com os Guaranis em um dos ramos do Peabiru, saindo da Ilha de Santa Catarina, no Brasil, chegando às fronteiras do império incaico, próximo a Potosi, com o intuito de saquear suas riquezas auríferas. As migrações Tupi-guarani provocaram o deslocamento de contingentes de povos indígenas para outras regiões, acentuando em alguns casos a violência entre diversos grupos do atual território brasileiro.

## CAPÍTULO VI

### Difusão Cultural dos mitos e lendas - Pay Sumé e o Gran Paititi

Um fator que tem intrigado os pesquisadores, e que pode corroborar como prova deste processo de integração, diz respeito à difusão e disseminação de alguns mitos e lendas. Um dos que mais tem chamado a atenção é o mito ou lenda do Pay Sumé, também conhecido como Zumé, Tonapa, Viracocha, Bochica, Kukulcan e Quetzalcoat.

**Figura 43 – Bochica**



Fonte: <https://bit.ly/3m6WB3i>

**Figura 44 – Pay Sumé**



Fonte: <https://bit.ly/3yEPtjJ>

A lenda indígena de Pay Sumé (Brasil), Pay Tumé ou Pay Zumé (Paraguai), Viracocha (Bolívia), Tonapa (Peru), Bochica (Colômbia), Kukulcan (América Central) e Quetzalcoat (México) fala de um deus ou herói civilizador, um homem branco de meia idade, barbado, de cabelos longos e vestido com uma túnica, que pregava e transmitia conhecimentos como a agricultura, o uso do fogo e a organização social. Foi interpretado, posteriormente pelos missionários jesuítas no Brasil e em outros países sul-americanos, como o apóstolo São Tomé (Metrax, 1950).

Segundo a crença cristã, Tomé foi um dos doze apóstolos escolhidos por Jesus Cristo. Em conformidade com a tradição, após a morte e ressurreição de Cristo, os apóstolos percorreram diversas regiões do mundo no intuito de propagar a fé. Tomé, o incrédulo, não acreditava na ressurreição e só se convenceu do milagre após a aparição de Cristo e ao tocar em suas chagas. Por isso, a São Tomé é atribuída a evangelização da Ásia e parte da África, os locais mais distantes do então mundo conhecido pelos europeus (Cavalcanti, 2009).

Ao tentar introduzir o catolicismo como religião aos índios Guarani, os jesuítas se depararam com um conjunto de crenças consolidadas. Uma delas, contudo, chamou atenção, a lenda do Pay Sumé. Tanto chamou atenção que vários jesuítas se preocuparam e dedicaram um bom tempo de suas vidas em estudá-

lo e registrá-lo através de seus escritos, dos quais foram os trabalhos de Manoel da Nóbrega, no século XVI, em suas cartas do Brasil, e o de Antonio Ruiz Montoya, no século XVII, os de maior expressão sobre esse assunto (Cavalcanti, 2009).

Além do Pay Sumé entre os muitos mitos e lendas amazônicas, a referência sobre o Paititi ou Gran Paititi vem sendo recorrente ao longo de cinco séculos, por conta das inúmeras expedições em busca da mítica cidade sem nunca ter sido encontrada nos moldes idealizados. Todavia, por conta do desmatamento, em especial nos últimos 40 anos, a busca pelo Paititi foi retomada e vem sendo muito trabalhada em razão das recentes descobertas arqueológicas dos geoglifos, trincheiras que sulcam a terra geralmente em formato geométrico que só pode ser apreciado em sua monumentalidade quando visto de cima; aterros, montículos artificiais piramidais na Bolívia (Pando e Beni) e Brasil (Acre, Rondônia, norte do Mato Grosso, Amazonas e Pará na ilha de Marajó), como testemunho de complexas civilizações amazonenses, refutando a tese de Betty Meggers de que na Amazônia seria impossível a existência de grandes sociedades com alto grau de desenvolvimento cultural.

A lenda foi reavivada por conta da descoberta do relatório do padre Andrea Lopez, nos arquivos jesuítas em Roma, pelo arqueólogo italiano Mário Polia, dando ciência da existência de uma civilização sofisticada na atual região dos geoglifos amazônicos.

Quando se fala do Paititi, geralmente vem à mente a ideia de uma cidade mítica de ouro (El Dorado) nas selvas da Amazônia peruana, como um local de refúgio de uma parte da elite incaica e do próprio inca (Inkarri), quando da conquista espanhola, e que este estaria à espera do momento certo para resgatar a ordem de outrora. O mito Inkarri é um dos relatos mais conhecidos dos povos originários peruanos pós conquista, razão pela qual não será tratado neste trabalho.

#### A – Cosmovisão dos Povos Originários

É importante entender um pouco do pensamento dos povos originários e de como o mito opera dentro desta forma de pensamento. Na busca de compreensão e na transformação dos entendimentos sobre o mundo que nos rodeia, temos de levar em conta que, ao mesmo tempo em que atuamos sobre o mundo físico, este atua sobre nós, de modo que nos encontramos ligados em um constante circuito de atividades e sensações.

Para Awaju Poty (2018),

"distingue-se o sistema de vida dos índios daquele dos colonizadores e seus descendentes pelo impacto causado ao meio ambiente, por um e por outro, assim como a maneira de se relacionar social e espiritualmente com o mundo,

com o seu semelhante e com os seus irmãos dessemelhantes, representantes dos outros reinos da natureza".

No pensamento e na religião dos povos originários, é importante perceber que a cosmovisão indígena não implica uma unanimidade de interpretações ou de opiniões e que muitas vezes há conflitos irreconciliáveis. Normalmente se rotula toda uma cultura colocando sob um termo genérico uma gama de personalidades e de povos muitas vezes extremamente divergentes quanto a muitos pontos de vista, como se todos fossem simplesmente "índios" e pensassem exatamente iguais ou, em casos mais extremos, como se não pensassem.

Este tipo de cultura religiosa representa o fruto de milênios de experiência, e, simultaneamente, proporciona um modo de atuar sobre o mundo. O xamanismo é uma religião prática e pragmática e nunca apenas mística. O sentido de unidade que proporciona não nega a identidade separada de fenômenos distintos.

De acordo com Awaju Poty (2018),

"[...] são muitas as categorias no interior do íntegro universo indígena. Há inúmeros espíritos individuais com forma, nomes e características que lhes são próprias". "Por exemplo, o sol e a lua talvez sejam irmãos, como no caso dos guaranis mbya, ou pai e mãe (Kwarayru'ete e Jaxy, ou seja, pai e sagrada mãe), como no caso dos guaranis ñandewa. Porém, suas relações com os humanos serão salientadas e determinadas pelos mitos que explicam como surgiram como se transformaram no que são e como afetam as nossas vidas".

Assim, a mitologia dos povos originários, apresenta um conjunto de histórias de deuses, espíritos e heróis civilizadores. Juntamente com as narrativas de criação do universo (cosmogonias), sobre a criação da humanidade (antropogonias) e os rituais, são parte das religiões destes povos (Awaju Poty, 2018).

Com uma cosmovisão tão diferente do pensamento histórico ocidental, não foram poucos os pensadores ocidentais que tentaram compreender o pensamento mítico dos povos originários.

Para Vernant (1992), o mito se constitui como o modelo de referência que permite situar, compreender e julgar o feito celebrado ao se refratar através das aventuras lendárias dos heróis ou dos deuses. Eram nestas aventuras que os atos humanos, pensados na categoria da imitação, podiam marcar seu sentido e situar-se numa escala de valores.

Em Malinowski (1974), o mito desempenhava uma função indispensável, expressava e codificava as crenças, salvaguardava os princípios morais e os impunha.

Godelier (1973) percebe a existência de uma relação direta entre os mitos e a sociedade,

“[...] quando se empreende o inventário exaustivo de todos os elementos dos mitos. Esses elementos transpunham aspectos do meio ecológico, de organização social, tradições históricas, fossem elas migrações, guerras de populações, em cujo seio o propósito se tenha recorrido a esses mitos”.

Em “O Mito do Eterno Retorno”, o historiador das religiões Mircea Eliade destaca a importância dos povos originários para as sociedades com relação a um modelo sobrenatural. Assim, os mitos representam esses modelos, que correspondem, na antropologia estrutural, ao conceito de estrutura mental, para Levi Strauss, e na psicologia aos arquétipos do inconsciente coletivo, de Jung.

As crenças indígenas, por serem essencialmente tradições mitológicas, aparecem através dos mitos, como verdade absoluta, nessas sociedades. É, portanto, um conhecimento inquestionável, um modelo de vida e de moral social.

É dentro das narrações míticas que se esconde o aspecto do inconsciente coletivo, que encerra uma verdade. Isso se dá na medida em que toca profundamente o homem, um ser mortal, organizado em sociedade, obrigando-o a trabalhar para viver, submetidos a acontecimentos, nem sempre imprevistos, que independiam de sua vontade (Jung, 1978).

O mito conta uma história sagrada: relata um acontecimento que teve lugar no tempo primordial, o tempo fabuloso dos começos. Contava como, graças aos feitos dos seres sobrenaturais, uma realidade passou a existir. Essa realidade podia ser total ou parcial, ou apenas um fragmento, mas sempre a narração de uma criação (Eliade, 1989). Os mitos revelavam a atividade criadora dos seres sobrenaturais, descrevendo, de maneira dramática, eclosões do sagrado no mundo.

Dessa forma, segundo Jung (1978), o mito nas sociedades originárias ensina as histórias primordiais, que o constituíram existencialmente, e tudo o que se relaciona com a sua existência e com o seu próprio modo de existir no cosmos, interagindo no dia a dia, de forma inconsciente. Este inconsciente passava a ser uma figuração do mundo, representando, a um só tempo, uma sedimentação multimilenar da experiência.

Jung (1978) denomina esta figuração de arquétipos ou dominantes, que no mito podiam ser os deuses, heróis ou ancestrais míticos. Podiam ser configurações das leis dominantes e dos princípios, que se repetiam com regularidade à medida que se sucedessem estas figurações, revividas continuamente nos mitos.

Na proporção em que estas figurações eram retratos relativamente fiéis dos acontecimentos psíquicos, os arquétipos, ou melhor, as características gerais que se destacavam no conjunto das repetições de experiências semelhantes, também correspondiam a certas características do pensamento mítico (Jung, 1978).

Isto significa que este pensamento operava dentro do mito, como um regulador, uma vez que os povos originários são perfeitamente capazes de pensamento desinteressado, ou um desejo de compreender o mundo que os envolvia, e a sociedade em que viviam (Lévi-Strauss, 1978). A realidade das coisas, neste caso, estava para demonstrar a repetição dos fatos, as origens, o ciclo da vida, o fato deles se repetirem os tornava perenes.

Nesse caso, nas sociedades dos povos originários do continente americano, os arquétipos do inconsciente coletivo atuam através dos espíritos da natureza, do herói civilizador e das atividades cotidianas. Isso propiciava a perpetuação e a reatualização dos valores culturais, adaptando as novidades dentro de um arranjo mágico e sobrenatural. Em outras palavras, estes arquétipos são uma espécie de senso comum mágico, uma conduta lógica a ser vivida e revivida.

Assim, o mundo, para os indígenas, não é estático: está cheio de manifestações e sucessivos ciclos, imprevistos ou desconhecidos, centrando o interesse dos povos originários mais na potência efetiva, que na ação causal. Esta potência é, na “realidade”, a que se adapta psicamentalmente, representando-a através de inúmeras “personificações”, ou seja, uma figuração do inconsciente indígena, do qual fazem parte os arquétipos do que chamamos de senso comum Susnik (VI, 1984/85).

Conforme, Susnik, dentro deste mundo circundante e do mundo humano, para o homem é necessário sentir, aproveitar-se e manifestar-se. O homem passa a criar emocionalmente suas imagens heterogêneas, mas nunca conceitualizando em termos classificatórios, e tais imagens do mundo são coligadas em seu próprio micromundo social, determinando-o, regulando-o e adaptando-o, criando assim uma projeção de mundo com características humanas. As crenças indígenas, sua cosmovisão, são essencialmente suas tradições mitológicas, suas experiências de vida, e o grande reflexo de sua visão de “potência de mundo” está relacionado com o que vivem e com quem vivem.

## B – Pay Sumé

Dentro desta realidade e conforme a mitologia Tupi-guarani, a figura primária na maioria dos mitos e lendas da criação é Iamandu (ou Nhanduvuçu), também conhecido como o criador de tudo. Porém, Tupã, senhor do trovão, foi quem criou os primeiros humanos que se chamavam Rupave e Sypave, nomes que significam “Pai dos povos” e “Mãe dos povos”, respectivamente. Estes tiveram três filhos e muitas filhas. O primeiro dos filhos foi Pay Sumé (ou Tumé Arandú), considerado o mais sábio dos homens e o profeta do povo guarani (Metraux, 1950).

Pay Sumé teria vindo do mar para ensinar ao povo a arte da agricultura e, depois, como transformar a mandioca em farinha e alguns espinhos em anzol, além de regras moralizantes. Curava os doentes, cicatrizava as feridas e

diversos males sem cobrar nada em troca. Apesar desse comportamento amistoso, Pay Sumé foi adquirindo poder e respeito na sociedade indígena, despertando, sobre si, a raiva dos chefes, em especial por conta da pregação contra o fato destes possuírem várias mulheres, culminando com Sumé sendo atacado por lanças e flechas numa certa manhã. Misteriosamente, segundo a lenda, as armas teriam retornado ferindo mortalmente seus agressores (Cavalcanti, 2009).

Os índios ficaram espantados com a habilidade de Sumé em extrair as flechas e do fato de que de seu corpo não escorria sangue. Sumé ainda teria andado de costas para o mar até atingir as águas. Em uma das versões da lenda, Sumé também teve dois filhos, Tamandaré e Ariconte (ou Arikonta), que eram de diferente natureza e, por isso, um odiava mortalmente o outro (Metraux, 1950).

Em outra versão, a divindade teria desaparecido num voo sobre as ondas para nunca mais voltar. Quando Sumé foi embora, teria deixado uma série de rastros gravados em pedra sob a forma de pegadas em lugares do interior e litoral do Brasil. Sobre este assunto Metraux opina:

[...] a propósito de Sumé, foram conservadas, convém 'dizer algumas palavras a respeito dos famosos traços de pés humanos, tão constantemente mencionados nos textos. Esses supostos vestígios são," sem nenhuma dúvida, fenômenos de erosão, sendo apenas assinalados nas proximidades do mar ou dos cursos de água. E chamaram a atenção dos tupinambás, que os consideravam obra do seu grande herói-civilizador. (Metraux, 1950, p.53).

Em uma terceira versão, Sumé teria seguido para o interior do continente. Essa viagem ao interior pode ter influenciado os Guaranis em suas migrações em busca da "terra sem mal", um lugar mítico onde não haveria guerras, doenças, fome e morte (Cavalcanti, 2009).

Curiosamente, a lenda de Sumé aparece no Paraguai como Pai Tumé, na Bolívia como Viracocha, no Peru como Tonapa, na América Central como Kukulkan, Bochica na Colômbia e Quetzalcoat no México, inclusive existe uma divindade parecida entre os povos indígenas do Canadá e EUA. Em todos esses locais a mensagem é similar, isto é, a de um personagem branco barbado de meia idade, vestido, que chegou, pregou e depois desapareceu no mar dizendo que voltaria algum dia. No Brasil, o teor completo dessa mensagem com o passar dos anos teria sido esquecida pelos nativos, mas ficara marcado na memória desses povos que, no futuro, viriam alguns sucessores de Sumé que revigorariam a fé perdida. Com relação a esta descrição Metraux argumenta:

A identificação do herói-civilizador com o intruso branco salta aos olhos, sendo confirmada, aliás, pelo nome de Maira, que os tupinambás davam aos conquistadores. Os traços europeus, que os povos americanos emprestavam ao seu herói-civilizador, - Viracocha, Sumé e outros, - constituem elementos superpostos, posteriormente, ao mito primitivo, sugeridos pela convicção da volta do ancestral lendário. Não menos enganosa é a opinião, elevada a um ato de fé para os europeus, que consistia em ver em Sumé a figura do apóstolo

Santo Tomé. A fortuita semelhança, existente entre os nomes de Sumé e Tomé, contribuiu bastante para o êxito dessa fantasia. (Metraux, 1950, p.56, 57).

A descrição de tal personagem levanta a hipótese de que no passado o continente americano possa ter sido visitado por povos do velho mundo na antiguidade e no período medieval. De fato, antes mesmo da presença dos vikings na América do Norte nos séculos X e XI, existe a famosa história de São Brandão, um monge irlandês do século VI, com vocação para a navegação, que teria realizado uma lendária viagem pelo oceano Atlântico para além do mundo europeu conhecido. Alguns pesquisadores arriscam-se a dizer que São Brandão e seus seguidores possam ter aportado no continente americano. O problema para essa hipótese consiste no fato de que até o presente não foi possível encontrar a menor evidência dessa viagem.

Seja como for ao tomarem conhecimento dessa lenda indígena, os jesuítas identificaram similaridades do personagem com o São Tomé cristão. Provavelmente foi a proximidade fonética entre as palavras Sumé e Tomé a fonte inspiradora de ligação entre o santo católico e o personagem mitológico indígena. A partir de então, foi considerado que o apóstolo Tomé teria estado na América do Sul pregando o evangelho de Jesus Cristo. Também deve ter sido levado em consideração pelos jesuítas a missão evangélica de levar a palavra do deus cristão a todo o mundo. Com base nessa ideia, poderia o apóstolo ter conseguido por algum meio ter vindo da África à América, embora os padres acreditassem num transporte sobrenatural. Os jesuítas podem ter se apresentado como sucessores de Sumé, agora tido como São Tomé, o santo católico, tendo grande influência em sua evangelização sul-americana.

Isabelle Combès identifica o personagem de Pay Sumé ou São Tomé com o deus branco dos mitos andinos e mesoamericanos e esse mito explicaria, segundo os próprios indígenas, a “inferioridade” tecnológica destes para com os europeus. Essa informação deve ter sido utilizada pelos europeus a seu favor durante o processo da invasão e conquista do novo mundo.

“Sumé es también un héroe civilizador. (...) Vestido y de barba, Sumé es –y, en consonancia con su asimilación con Santo Tomás, fue entendido como– el “dios blanco” de estas regiones, la contraparte de los Viracocha y demás Quetzalcoatl americanos. El personaje es también el protagonista del mito, muy difundido entre grupos tupi guaraníes y otros, del reparto de las armas de madera y de hierro que explica el origen de la inferioridad de los indios en relación con los blancos. Al menos, las primeras versiones de este mito recogidas entre los tupinambás hablan de “un” o unos héroe(s) blanco(s): “un Mair” según Léry (1975 [1580]: 254), “profetas de barbas” según Claude d’Abbeville (1963 [1614]: 69v). Otro texto menciona como protagonistas del mito a dos “profetas”: Çumé, el bueno, y Maira, el malo – evidentemente el “compañero de Santo Tomás” mencionado por Nobrega. Finalmente, y no menos importante, Sumé es conocido por haber dejado impresos sus huellas en unas piedras. Las referencias al respecto son muy numerosas.” Combès, 2011 p. 86.

Na visão dos padres jesuítas de Pay Sumé, os indígenas teriam apenas uma vaga lembrança. Sumé num passado longínquo teria percorrido muitos locais habitados pelos indígenas, o que justificaria sua presença em outras partes do continente, pregando a fé em um único deus. Nessa trajetória, teria ele deixado vários sinais, como pegadas em pedras, carregando um símbolo similar a uma cruz que, conforme Bartolomeu Melia, foi imediatamente convertido pelos jesuítas como a cruz de Cristo.

Para os Guaranis, o símbolo da cruz representa entroncamento de caminhos, pois a América do Sul pré-colombiana era interligada por várias estradas, trilhas ou caminhos de norte a sul e de leste a oeste. Destes, o Peabiru tem a sua construção atribuída ao Pay Sumé quando de seu desaparecimento rumo ao interior do continente, de acordo com uma das versões da lenda.

Este imenso caminho, com mais de 4 mil km de extensão, como vimos anteriormente, ligava o litoral do Atlântico ao Pacífico, considerado maior em todos os sentidos ao sistema viário europeu da época, isto é, do litoral brasileiro ao Peru, precisamente São Vicente a Cuzco.

Este e outros caminhos (bem como o mito ou lenda do Pay Sumé) revelam um altíssimo grau de integração cultural dos povos indígenas sul-americanos bem antes da chegada dos europeus e que depois foi utilizado por estes. Com relação a esse intercâmbio, Isabelle Combès afirma que:

“Las fuentes quinientistas evidencian un intenso tráfico prehispánico de gente y de bienes entre este y oeste; trueques, robos, alianzas y viajes involucran a un sinfín de grupos de las tierras bajas y de los Andes. Entre ellos se destacan, por dos razones, los múltiples grupos guaraní-hablantes que encontraron a los españoles desde la costa atlántica hasta los primeros contrafuertes andinos: ellos son, primero, los que más y mejor informan a los españoles de Asunción, y luego de Santa Cruz, sobre la “tierra rica”, su gente, sus riquezas, y los caminos que llevan a ella; segundo, muchos de estos guaraníes, ya establecidos en la Chiquitania y el pie de monte andino cuando llegaron los europeos, eran tan “advenedizos” como ellos, y como ellos habían llegado desde el este. De esta manera, se puede decir que, en gran medida, las expediciones españolas siguieron las rutas anteriormente abiertas por los guaraníes hacia el occidente.” Combès, 2011, p. 54.

A “terra rica” a que se refere Combès está relacionada tanto à lenda do El Dorado quanto a existência do Reino do Grão Paititi, este geralmente localizado na região de Llanos de Mojo, na Bolívia e fronteira com o Brasil (Acre e Rondônia), identificado por alguns tanto como um reino pré-inca quanto neo-inca, na Amazônia. Alguns pesquisadores têm identificado o Paititi com a civilização dos Geoglifos (ou Zanjais para os bolivianos) que poderia, em tempos pré-coloniais, ter se constituído em uma grande confederação de povos indígenas, tendo como característica comum a construção de grandes montículos (pirâmides de terra), lomas (aterros), pomares e lagos artificiais interligados, estradas bem planejadas, trincheiras quadrangulares,

retangulares e circulares com paliçadas, cujo caráter monumental só é possível de ser apreciado quando se sobrevoa o local.

Em uma análise que abrange a opinião de vários autores, em especial Bartolomeu Melià, Isabelle Combès vê uma ligação entre as migrações Guaranis em busca da “terra sem mal” como um modo de ser baseado em uma economia de reciprocidade, tendo como uma das metas o metal dos incas, seguindo a rota do Pay Sumé.

“ las migraciones guaranies hacia el oeste tenian como meta el metal andino, revestian tambien otro sentido, o fueron pensadas en otros terminos: se hicieron siguiendo la ruta de Pai Sume, al heroe civilizador vestido y barbudo” (Combès, 2010, pág 107).

(...) ‘Las interpretaciones divergen según los autores, pero la “tierra sin mal” sigue siendo el núcleo de las explicaciones. (...) Bartolomeu Melià propuso ver en la tierra sin mal aquella que reúne los elementos y condiciones materiales y económicos para la reproducción del “modo de ser” guaraní basado en la reciprocidad. Pero si bien el autor nota que las razones de las migraciones probablemente sean varias, también afirma: “la búsqueda de La tierra sin mal es por lo menos en el estado en que están nuestros conocimientos el motivo fundamental y la razón suficiente de la migración guaraní” (Melià 1995:291 in Combès, 2011, p. 74).

## C – Gran Paititi

O fato de uma lenda como a do Gran Paititi resistir por mais de cinco séculos levou a vários historiadores, antropólogos e demais pesquisadores a levantar a hipótese de que pode ter existido mesmo no passado uma civilização que poderia ser um protótipo histórico. Naturalmente não se está aqui advogando a ideia de uma cidade de ouro como os conquistadores imaginavam no século XVI, tão pouco uma cidade idealizada de ouro e pedras preciosas como muitos aventureiros da atualidade têm propagado em sites sensacionalistas.

A historiadora Vera Tyuleneva defende a hipótese da existência de um protótipo histórico sustentando que:

“El término ‘Paititi’ por lo general se vincula estrechamente con las posibles expediciones y/o migraciones desde la serranía andina hacia la selva amazónica. La palabra ‘Paititi’ en las diversas fuentes históricas puede designar un río, una laguna, una región, una montaña o aludir al nombre propio de un jefe de cierto grupo étnico en La selva alta o en las llanuras” (Vera Tyuleneva, 2011, p.2).

O que se está propondo é que pode ter existido uma ou mais civilizações amazônicas importantes que poderiam inclusive ter irradiado com os incas um processo de integração cultural pré-colombiana na América do Sul, por meio de trocas comerciais, estabelecendo contato entre o atlântico e pacífico, através de rotas, caminhos ou estradas por terra como o Peabiru, Nhamíni-wi, Mairapé e as Capac Ñans, ou ainda pelos rios, criando uma capilaridade viária extraordinária nesse processo.

Nesse contexto, conforme os relatos do século XVI, falava-se da existência de uma civilização lendária, o Gran Paititi que teria estabelecido algum tipo de contato com os incas, e que estaria localizada entre a Bolívia e o Brasil. Esta civilização, no entendimento de alguns especialistas, pode ter sido a civilização hidráulica de Llanos de Mojo, uma grande confederação de povos indígenas e, portanto, servindo como o protótipo de um Paititi histórico.

Vários escritores espanhóis dos séculos XVI e XVII descreveram a expansão dos Incas em direção à Amazônia, para um poderoso reino ou talvez uma confederação de povos indígenas, o Gran Paititi. Esta terra lendária, cuja etnia dominante era os Moxos (ou Mojos), situava-se nas imediações do Rio Guaporé, atualmente território brasileiro e boliviano.

O primeiro texto a abordar o Paititi é “Relacion de los Quipucamayos a Vaca de Castro” (1544), que descreve as conquistas do rei de Cuzco, Pachacútec, o criador do império Inca, que reinou entre 1438 e 1471. Na fase final de seu reinado, Pachacutec avançou na selva baixa amazônica dominando boa parte dos indígenas da região, atraído para o império, através de “afagos e presentes” os chunchos, mojos e andes, obtendo a permissão de construir duas fortalezas nas planícies amazônicas com o objetivo de delimitar e controlar os povos que viviam além da fronteira.

“... y visto por el ynga quan poco poderoso era para contra ellos determino de comunicarse con el grand señor del paitite y por via de presentes y mando el ynga que le hiziesen junto al rio paitite dos fortalezas de su nombre por memoria de que avia llegado alli su gente...” (Vaca de Castro In Yuri Leveratto, 2011)

Garcilaso de la Vega (1609) afirma que os Incas estabeleceram relações diplomáticas com os Mojos, em vez de tentar dominá-los. Os Mojos, por outro lado, admirados pelas leis e costumes incas, teriam prometido adotá-los e se adaptar a eles, adorando o Sol como o Deus Supremo, embora não se vissem como vassalos dos incas, pois não haviam sido submetidos pelas armas. Dentro do tratamento privilegiado entre os dois grupos étnicos, os Mojos teriam permitido que os incas se estabelecessem em seu território e teriam oferecido suas filhas como esposas, além de enviar periodicamente embaixadas a Cuzco para prestar homenagem aos Incas, situação que permaneceria até a queda do império.

Quando Pachacútec morreu, os povos indígenas da selva se negaram a pagar o tributo ao império. Assim, o novo inca Túpac Yupanqui (que reinou de 1471 a 1493) decidiu organizar uma expedição militar para dominar os povos amazônicos, de modo a ter acesso a seus recursos (coca, ouro etc.). O escritor espanhol Pedro Sarmiento de Gamboa registrou esta segunda campanha militar em sua obra *Historias de los Incas* (1572).

“Y por el camino, que agora llaman de Camata, embió otro grande capitán suyo llamado Apo Curimache, el cual fué la vuelta del nacimiento del sol y caminó hasta el río, de que ahora nuevamente se ha tenido noticia, llamado el Paytite,

adonde puso los mojones // del Inga Topa.” (Pedro Sarmiento de Gamboa, in Vera Tylueneva, 2011)

Segundo as Crônicas de Lizarazu (1635), os Incas não se limitaram a construir as duas fortalezas, mais que isso, se estabeleceram no reino do Paititi, assumindo o seu controle.

“ antes que los espanoles conquistasen los Reynos del Piro, el Rey que en aquel tiempo tenia gobierno despacho vn sobrino suyo, con campo formado, a conquistar con titulo de Rey de lo que descubriese y conquistase. Este, temiendose de que el tio no le quitasse lo que ganasse, atravesso gran tierra y muchas dificultades de pantanos y rrios, hasta llegar a las juntas que hacen el rrio Grande y el rrio Mati; pasados, subio vna cierra muy alta, y en la cumbre della alio grandes llanadas y muy poblado de gente, con quien travaxo mucho en conquistarlos y allanarla tierra” (Cronicas de Lizarazu in Levellier 1976).

Conforme as mesmas Crônicas de Lizarazu (1635), teria sido um sobrinho do inca Huayna Cápac que reinou de 1493 a 1525, chamado Manco Inca, quem empreendeu a suposta conquista do Paititi, constituindo-se num terceiro ato desse empreendimento após as campanhas de Pachacutec (aproximadamente em 1471) e Túpac Inca Yupanqui (1477/79).

“La entrada de Manco, el sobrino del Inca, al Paititi pareceria, segun estos dos testimonios fundamentales un tercer acto de la conquista, posterior en algunos anos al segundo, es decir a la invasion de Tupac Yupanqui y anterior, a su vez, tambien en varios años a la llegada de lós espanoles.” (Cronicas de Lizarazu in Levellier, 1976).

Sobre essa entrada, Felipe de Alcaya indica que Manco Inca teria incumbido seu filho Guayanaapoc de ir a Cuzco com o objetivo de comunicar a conquista dessas nova terras:

“ despacho a su hijo Guaynaapoc, que quiere decir en su lengua Rey chico o Rey mogo, al Cuzco, a que diese quenta de la conquista que su padre havia hecho a su tio el Yuga; y no le envio plata ni oro ni cosa que oliese a estima, porque no le quitas elo que tanto sudor y fatiga le habia costado, antes le mando y encargo el secreto de la Tierra Rica, diciendole, que si queria ser Senor de lo que havia visto, que solo dixese al Ynga que no se havia aliado mas de aquel cerro de plomo, que es El Paytiti, que titien su lengua es el plomo y pay aquel; y lo mismo encargo a quinientos yndios que le dio de lós ssuyos para que le fuesen sirviendo hasta el Cuzco, y les mando que truxe; en sus mugeres y hijos, y las tias y madre de su hijo y las de los que con el quedavan, y que dixesen al Ynga que, por ser aquella tierra mas aparejada para sus labrangas, se havia alli poblado, y que le enviasen carneros y semillas de esta tierra, y que toda la rriquega queda va en las faldas del Cuzco, como es verdad, que se saca en nuestros tiempos El oro en Carayaya, Simaco y en otros lugares” (Alcaya In Roberto Levellier, 1976).

Todavia, conforme o mesmo documento, o filho de Manco Inca teria se deparado com o desmantelamento do império pelos espanhóis, tendo então reunido cerca de 20 mil indígenas e liderando-os até as novas terras conquistadas por seu pai.

“ Llegado pues el Rey chico a la ciudad del Cuzco, ali o la tierra por Congalo Pigarro, y a su tio presso por la muerte del Rey del Quitto, y el otro Ynga retirado en Vilcabamba. Y con esta ocasion hermosa, com boco el de su parte y lós yndios que taya de la suya, a que le siguiesen a la nueva tierra que teria su padre descubierta, llamada Mococalpa, bocablo corrupto del espanol, que ahora llamamos Mojos, de manera que, con la novedad de los espanoles, poco fue menester. Siguieron a Guaynaapoc hasta veinte mili indios, aunque al juicio de los yndios del Cuzco pasaron muchos mas de los que se havian retirado a Vilcabamva con su Rey, el qual bolvio poderosso de gente de su nacion; llevaron consigo gran suma de ganados de la tierra y oficiales de plateria, y de paso fue rreducicndo por bien a los naturales de los llanos, llevando los consigo hasta la puente de criznexas, que esta en el rrio Manatti, el qual corre desde su nacimiento ducientas leguas del Sur al Norte y entra en este rrio de La Varranca; y de otra parte del rrio del Manattilos planto, sin que su padre huviese entendido en cosa de tanta ymportancia. Y passo al Paytiti, donde fue de su padre y soldados muy alegremente recevido, doblandos el esel gogo por la seguridad de su Reyno, por haver presso al Rey del Cuzco El Marques Don Francisco Picarro.” (Alcaya In Levellier 1976).

Em seus estudos, o historiador argentino Roberto Levellier afirma que existiriam dois Paititis: um peruano, o Paititi incaico, que estaria localizado no planalto de Pantiacola, uma região montanhosa e tropical que se eleva dentro do Parque Nacional de Manú ligado ao mito do Incarri, e o outro amazônico, o Gran Paititi. E é exatamente o Paititi amazônico ou Gran Paititi que tem obtido um maior interesse de historiadores, arqueólogos e antropólogos com uma atenção especial por conta das recentes descobertas arqueológicas no Acre, Rondônia e Amazonas, no Brasil, e nos departamentos bolivianos de Beni e Pando. Para Levellier, o Paititi amazônico histórico (Gran Paititi) existiu e estaria localizado na região da Serra de Parecis, em Rondônia, e na região Llanos de Mojo, sustentando que não havia cidades de ouro ou pedras douradas, apenas pedras semipreciosas, que sua riqueza era o próprio meio ambiente e um lugar ou local de integração das antigas civilizações amazônicas com o império inca.

A historiadora Vera Tyuleneva, após sua pesquisa sobre as expedições incas na região de Llanos de Mojo, identificou essa civilização como o protótipo do Paititi histórico em um lugar chamado Lago Rogoaguado, na Bolívia.

Martti Pärssinen, por outro lado, identificou esse Paititi histórico na região de Vitória de La Piedras, na confluência do rio Madre de Dios com o rio Beni, Bolívia, onde foi encontrada uma fortificação circular de pedra. Essa fortificação fica a uns 300 km de distância de outra que fica localizada no rio Madeira, próximo à Ponta do Abunã, em Rondônia, Brasil, conhecida como Serra da Muralha ou Fortaleza do Rio Madeira (nome batizado pelo pesquisador Yuri Leveratto). Até o momento, a Serra da Muralha foi pouquíssimo pesquisada, sequer houve escavação apropriada no local para determinar sua real origem, embora alguns pesquisadores suspeitem que tenha uma possível origem andina.

**Figura 45 – Fortaleza de las Piedras, Bolívia**



Fonte: <https://bit.ly/33Fw7zL>

**Figura 46 – Cidadela de Miraflores, Bolívia**



Fonte: <https://bit.ly/3yFb6QX>

**Figura 47 – Fortaleza do Rio Madeira da Serra da Muralha, Rondônia, Brasil**



Fonte: <https://bit.ly/3p2sThP>

**Figura 48 – Cidade Labirinto, Rondônia, Brasil**



Fonte: <https://bit.ly/3yzcYKZ>

**Figura 49 - Cidade Labirinto, Rondônia, Brasil**



Fonte: <https://bit.ly/3dY7XCh>

**Figura 50 - Altar com bacias escavadas na pedra em Alto Floresta Oeste (Rondônia)**



Fonte: <https://bit.ly/3E2m0kV>

Até o presente, apenas um arqueólogo profissional esteve nesta construção, trata-se de Eurico Theofilo Miller que, em 1979, esteve na Serra da Muralha atestando sua origem pré-colonial. Miller teve marcante participação no PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas) e foi fundador do atual Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul, em Taquara.

Da mesma forma, na região de Costa Marques (Rondônia), próximo do rio Guaporé, a 5 km de distância do Forte Príncipe da Beira, na fronteira com a Bolívia, também existe uma ruína de origem não determinada, conhecida pela população local por Cidade Labirinto da Baía Redonda, e em Alto Floresta Oeste (Rondônia) foi encontrado pelo pesquisador Joaquim Cunha da Silva um altar com bacias escavadas na pedra, similar aos que existem em várias partes do antigo império inca, Argentina e Colômbia.

D – Llanos de Mojo, Bolívia, Acre e Serra de Parecis, Rondônia (Gran Paititi?)

Conforme os relatos dos cronistas dos séculos XVI e XVII, o Gran Paititi seria uma terra rica, um reino amazônico ou uma grande confederação de povos indígenas, localizado na região de Llanos de Mojo e áreas adjacentes como parte dos estados brasileiros do Acre e Rondônia.

**Figura 51 – Geoglifo circular no Acre**



Fonte: <https://bit.ly/3mbOYZj>

**Figura 52 – Reconstituição digital de um geoglifo**



Fonte: <https://bit.ly/3shT32h>

A civilização hidráulica de Mojos, com seus lagos modificados, orientados no eixo sudoeste/nordeste nos atuais departamentos bolivianos de Beni e Pando e nos estados brasileiros de Rondônia e Acre, desenvolveu-se em um período compreendido entre os séculos III e XVI. Foi ao que tudo indica uma civilização muito particular, baseada na agricultura intensiva e na construção de canais e aterros com o fim de dominar o curso dos rios. A civilização dos Moxos, ou Mojos, germinou próximo dos imensos rios amazônicos Mamoré, Beni, Guaporé, Amarumayo (Rio Madre de Dios) e Madeira.

**Figura 53 – Reprodução de um montículo piramidal em Llanos de Mojo**



Fonte: <http://hernehunter.blogspot.com/2009/05/urbanizacao-amazonica.html>

**Figura 54 – Croqui de Llanos de Mojo**



Fonte: elaborado pelo autor

A principal característica desta grande cultura foi a construção de colinas ou montículos piramidais artificiais, aterros, elevados, terraplanes (camellones), geoglifos (gigantescas trincheiras geométricas em forma de círculos, quadrados, retângulos etc.) e canais na planície amazônica inundável, situada entre os rios Mamoré, Guaporé e Beni, ainda que também na parte localizada ao norte do Rio Guaporé. Estas colinas piramidais artificiais eram usadas tanto para viver em zonas não inundáveis, como por motivos rituais e funerários, como também para sepultar os ossos dos defuntos. Os aterros (terraplanes) serviam para criar áreas elevadas onde eram plantados cereais, tubérculos, verduras e árvores frutíferas, enquanto os canais seriam não só para canalizar as águas para regiões por irrigar ou lagos modificados artificialmente como também para a piscicultura, a aquicultura e a navegação em canoas, como vias de comunicação.

Na planície aluvial situada no departamento de Beni, na vertente esquerda do Rio Guaporé, como também na zona situada ao norte do mesmo rio em Rondônia, há cerca de vinte mil colinas artificiais piramidais, para uma extensão total de aproximadamente 400 mil hectares, ou seja, 4000 km<sup>2</sup> (sem contar os aterros e os canais) de terra transformada pelo homem. Portanto, a cultura hidráulica de Mojos, indígenas de idioma arawak, atingiu um alto grau de controle da região e das inundações, que nesta parte da Amazônia são sazonais. Com relação às aldeias vizinhas, pode-se afirmar que os Mojos tinham frequentes contatos com os Incas, sendo que entre os territórios das aldeias viviam outras etnias, como os Toromonas e Chunkos, que pagavam tributos e eram considerados vassalos dos Incas. A quantidade e

monumentalidade destas obras de terra e hidráulicas em um grande território são evidências de uma civilização sofisticada e com grande adensamento populacional.

Quando os espanhóis chegaram a Cusco, eles sabiam de um riquíssimo “reino” chamado Gran Paititi, situado na selva baixa amazônica. A desmedida ambição de riqueza dos conquistadores foi o motor de um fluxo de expedições arriscadas com o fim de alcançar e conquistar a terra do Gran Paititi, do qual se dizia que era adjacente a dos Mojos (em outras ocasiões, se descrevia o Gran Paititi e Mojos como a mesma terra).

**Figura 55 – Reprodução digital de Llanos de Mojo no século XV**



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=0Os-ujelkgw&t=1514s>

Para tentar compreender a complexidade e a importância desta grande cultura, podemos hoje nos servir não somente dos estudos arqueológicos em território, os quais permitiram trazer a luz grandes quantidades de achados de cerâmica e de instrumentos líticos, como também da observação aérea que permite reconhecer grandiosos canais, terraplanes, colinas artificiais e muitos lagos modificados pelo homem e orientados no eixo sudoeste/nordeste. O tamanho da área e as similaridades das construções de terra e da cultura material com outras civilizações amazônicas, como os Xinguanos, Tapajônicos, Omáguas e Marajoaras, podem indicar que a civilização de Llanos de Mojo em conjunto com as outras civilizações amazônicas funcionariam como irradiadores de uma integração cultural não só com os incas, mas também com povos indígenas de regiões ainda mais distantes.

## **CAPÍTULO VII**

### **Outras evidências de uma integração cultural pré-colombiana**

A arqueologia, a linguística e os estudos etno-históricos têm demonstrado que as sociedades indígenas sul-americanas participavam de um intenso processo de integração cultural muito antigo. Pode-se constatar essa integração através da propagação da cultura material, das trocas e comércio de escambo de produtos manufaturados, metais, plumaria, ervas, cerâmica e técnicas de construção de terra que aparecem distribuídas pelo subcontinente.

Chama a atenção o caso das obras de terra, pois por exemplo, pode-se estabelecer que existe alguma conexão entre os sambaquis da Amazônia e os do litoral brasileiro. Essas formações são encontradas em vários países da América, África e Europa. No Brasil, porém, a quantidade e o tamanho são bem maiores. No litoral de Santa Catarina estão os gigantes Sambaquis, alguns ultrapassando mais de 30 metros de altura com 200 metros de comprimento, como é o caso do Sambaqui de Garopaba SC (Maziero, 2020).

No Rio Grande do Sul, os mais famosos são os Sambaqui de Torres e de Xangri-lá. Essas construções foram criadas pelo povo sambaquiano ao longo de milhares de anos, através do acúmulo de conchas e depósitos de lixo alimentar. Nos sambaquis eram construídas plataformas, sepulturas e casas. A arqueologia data estas obras entre 8000 e 2000 anos AP, sendo, portanto, tão antigas quanto as Pirâmides do Egito ou mesmo a cidade estado de Caral-Supe, no Peru.

Também existem os Cerritos, aterros de menor tamanho que os Sambaquis e que se estendem entre o Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina, mas que cumpriam uma função importante, a de evitar eventuais inundações. Na Argentina foi encontrado um Cerrito monticular de 20 metros de diâmetro e 3 metros de altura, e um menor com 10 metros de largura. Conforme Reinaldo José Lopes, os dois montículos estavam cercados por um grande anel de terra batida.

**Figura 56 – Representação digital das casas subterrâneas gaúchas**

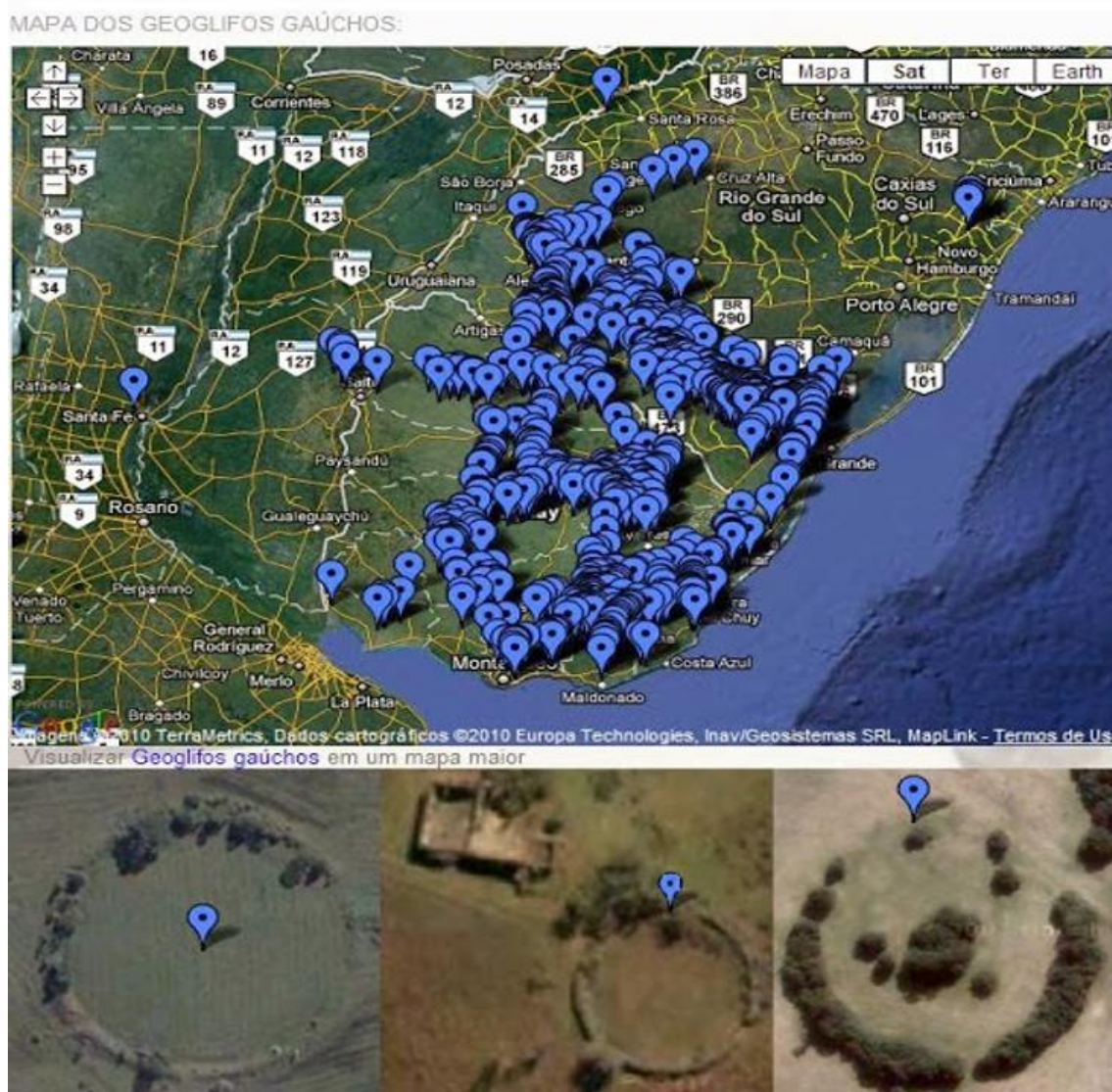


Fonte: <https://bit.ly/3yvYkUO>

Além destas obras de terra, tem se estudado as fenomenais casas subterrâneas escavadas na terra, encontradas nas encostas dos morros das serras gaúcha e catarinense. Essas aldeias de origem de grupos Gê eram circundadas por um enorme anel de terra.

De fato, existe no sul do Brasil, Argentina e Uruguai, estranhos círculos de terra que se assemelham aos geoglifos amazônicos do Acre, Rondônia, Mato Grosso e Bolívia, embora as tradições populares os associem aos antigos currais coloniais.

Figura 57 – Geoglifos gaúchos



Fonte: <https://bit.ly/3E2nfk5>

O arqueólogo André Prous, em seu livro “O Brasil Antes dos Brasileiros” (2006), associa os círculos gaúchos àqueles do Acre e os identifica possivelmente com a Tradição Taquara. Pesquisadores como o geógrafo Alceu Renzi, Rodrigo Aguiar e o arqueólogo Fábio Vergara Cerqueira estão convencidos de que alguns realmente tenham sido construídos em tempos pré-colombianos.

Por outro lado, estudiosos como Ana Maria Ruthschling lembra que eles talvez não sejam originários da região em si, mas pertenceriam a um movimento de invasão de terras sulistas, podendo estar ali muito antes de seu movimento migratório (Maziero, 2020). Ao observarmos a forma como foram construídos os geoglifos amazônicos e os sulinos, é possível que tenha acontecido algum tipo de difusão cultural da Amazônia para o sul do Brasil, incluindo Argentina e Uruguai.

Estruturas do tipo de aterros, elevados, ilhas artificiais, plataformas piramidais e geoglifos têm sido identificadas não só na região de Llanos de Mojo, na Bolívia, mas também em Rondônia, Acre, Alto Solimões, Xingú e Ilha de Marajó, no Pará, sendo encontradas por toda a floresta (Mazeiro, 2020).

A disseminação da Terra Preta de Índio na Amazônia possibilitou o surgimento e desenvolvimento das civilizações Marajoara, Tapajônica, do Alto Solimões (Omáguas), Xinguana e da confederação de povos indígenas de Llanos de Mojo. Hoje acredita-se que a floresta Amazônica, no Brasil ou na Bolívia, possuía plantações que datam de, no mínimo, 10 mil anos antes do presente, podendo ser considerada como um dos berços mundiais da domesticação agrícola e manuseio de plantas (Maziero, 2020).

O arqueólogo Márcio Amaral, do Instituto Mamirauá, afirma que a quantidade e o volume de terra movimentada para a construção dessas obras sugerem uma capacidade tecnológica muito maior do que se pensava com uma enorme população, o que significaria uma complexa organização social. Com relação às elevações, foram identificadas cerâmicas do estilo hacharado zonada, pertencentes a grupos humanos que ali viveram há mais de 2000 AP.

Por outro lado, as fortificações incaicas e/ou pré-incaicas de Las Piedras e Miraflores, na Bolívia, a Serra da Muralha, o Labirinto das Pedras e o altar com bacias escavadas em Alta Floresta Oeste, em Rondônia, podem também provar não só a presença de povos Andinos na Amazônia, mas principalmente que existia ali uma grande confluência de povos que irradiavam para outras direções, levando consigo tradições culturais, técnicas e religiosas.

No aspecto religioso, o mito ou lenda do Pay Sumé deve ser considerado, uma vez que este se difundiu em várias regiões do Brasil e América do Sul, embora saibamos que um mito similar também existia em outras partes do continente americano, não podendo, portanto, ser atribuído como uma única matriz.

Observando as vias fluviais das bacias dos rios e os restos de caminhos e estradas pré-coloniais, com destaque para o Peabiru, o Mairapé, Nhamíni-wi e as Capac Nans incaicas, podemos concluir que estas são verdadeiras evidências de um complexo sistema de comunicação e parte desse processo de integração que foi cortado com a invasão europeia a partir de 1492, não sendo possível mensurar o quanto se perdeu e o que poderia ter acontecido, caso Colombo e seus sucessores não tivessem desembarcado por essas bandas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As recentes descobertas arqueológicas dos geoglifos amazônicos (nas fronteiras de Brasil, Bolívia e Peru), as construções de terra (como terraplanes, tesos, sambaquis e cerritos), as ruínas de cidadelas e fortificações pré-incas (como Miraflores e Las Piedras, Bolívia), a civilização hidráulica de Llanos de Mojos (Bolívia), os muros de pedra de origem pré-colonial desconhecida da Serra da Muralha (Fortaleza do rio Madeira em Rondônia) e Cidade Labirinto da Baía Redonda (rio Guaporé também em Rondônia), os restos da antiga cidade fortificada de Kuhikugu (no parque nacional do Xingu), entre outros, são testemunhos dessa integração cultural.

O papel do Peabiru, Mairapé, Nhamíni-wi, Capac Nans e das vias fluviais como rotas de comunicação intercultural entre o Atlântico e o Pacífico, bem como a expansão inca para o leste tendo como consequência a ampliação de uma rede de trocas e comércio, relaciona-se com as migrações Tupi-Guarani em busca da “terra sem mal”.

As lendas do Pay Sumé e do Gran Paititi, entre outras, apresentam a cosmovisão dos povos indígenas, inclusive, como difusor cultural, em especial a figura de Pay Sumé, que aparece em várias lendas dos mais diversos povos indígenas do continente com outros nomes, porém com as mesmas características míticas.

No caso do Gran Paititi, por este ter um protótipo histórico na região de Llanos de Mojo, com um enorme contingente populacional, que por suas relações com os incas e com as outras civilizações amazônicas, como Omáguas, Xinguanos, Tapajônicos e Marajoras, pode ter sido um polo irradiador cultural no subcontinente sul-americano, contestando a ideia de um vazio demográfico, obrigando os pesquisadores a repensar o real número dos habitantes autóctones antes da chegada europeia ao novo mundo.

As construções de terra das civilizações amazônicas podem, inclusive, ser um indicativo de uma associação cultural com as construções de terra do sul (Brasil, Uruguai e Argentina) como alguns dos geoglifos gaúchos, da cultura cerritos e da cultura sambaquiana, como atestam os arqueólogos Rodrigo Aguiar, André Prous, Fábio Vergara Serqueira, o geógrafo Alceu Renzi (que esteve na Serra da Muralha e atestou ser uma construção humana e não natural) e a pesquisadora Ana Maria Ruthschling.

Com base no que foi apresentado neste trabalho, está evidente que existiu uma grande e complexa integração cultural na América do Sul, anterior à presença dos habitantes do velho mundo. Faz-se necessário um aprofundamento de como se deu esse processo de integração cultural entre os povos indígenas da América, que foi interrompido drasticamente com a

chegada dos europeus, tornando impossível prever o que teria acontecido se este choque entre dois mundos não tivesse acontecido. Tais estudos obrigam os historiadores a repensar o passado sul-americano.

O Brasil continua de costas para a América do Sul e precisa mudar sua posição, pois a base primeira está nos nativos indígenas e na comunicação que mantinham entre si, como comprovam a história, a etno-história, a antropologia, a arqueologia e o acervo etnológico do Museu Julio de Castilhos.

Abaixo, imagens da exposição Memória e Resistência do MJC

**Figura 58**



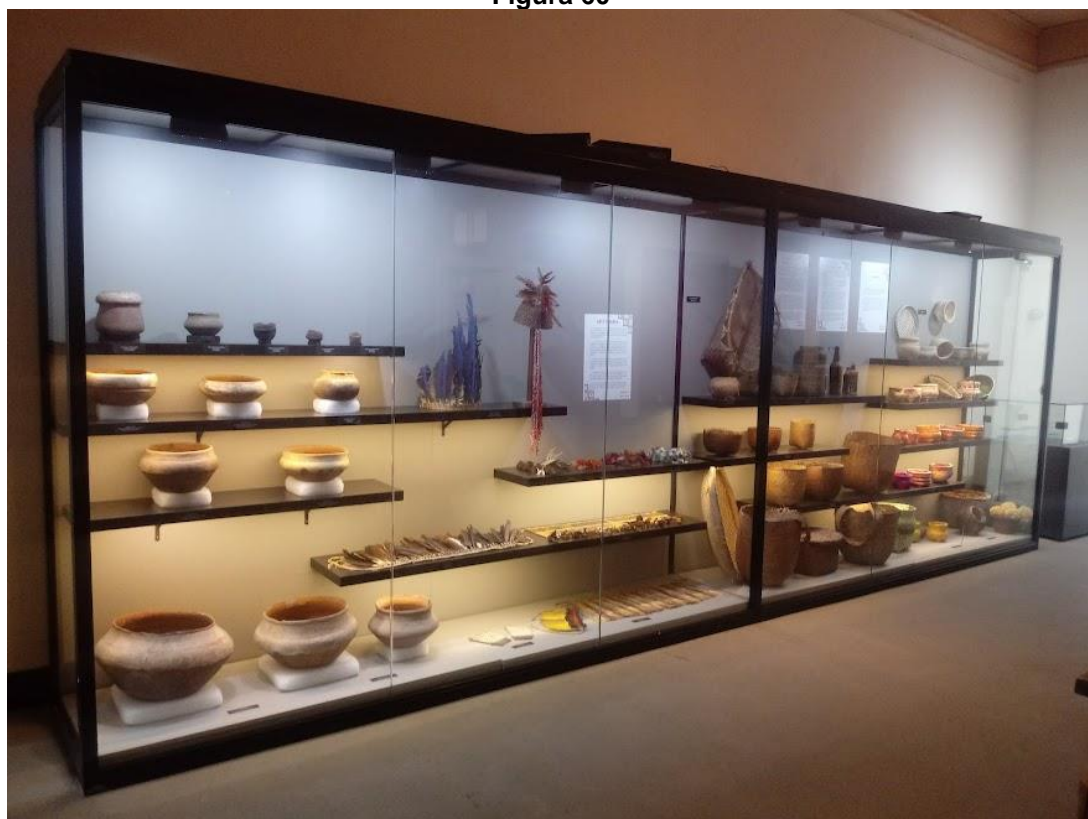
Fonte: MJC. Foto: Angelita Silva

**Figura 59**



Fonte: MJC. Foto: Angelita Silva

**Figura 60**



Fonte: MJC. Foto: Angelita Silva

## REFERÊNCIAS

### BIBLIOGRAFIA:

**Altamirano**, Alfredo José - Importância da Arqueologia Para a Integração da América do Sul: O Legado do Império Inca, in Caderno de Artigos do Seminário “América do Sul em Debate: Perspectivas da Integração” - UFRJ, Rio de Janeiro, 2008

**Basso**, Ellen, Kalapalo - <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kalapalo> - consultado em 19/11/2018.

**Borges**, André Essenfelder Caminhos da Cultura Indígena: O Peabiru e o Neoindianismo - dissertação de mestrado UFSC, Florianópolis, 2006

**Carvajal**, Gaspar de; **Rojas**, Alonso de; **Acuña**, Cristobal de. Descobrimento do Rio Amazonas. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1941.

**Cavalcanti**, Tiago Leandro Vieira – O Mito do São Tomé Americano e a Circularidade Cultural na América Colonial, Revista de História Regional 13(1): 65-93, UFGD, Verão, 2008

**Cavalcanti**, Tiago Leandro Vieira - Aproximações Mitológicas: O Mito do Sumé e sua Recriação, São Tomé nas Reduções da Bacia Platina AMPHU RJ, 2012

**Cavalcanti**, Tiago Leandro Vieira - Apropriações e Influências do Mito do Pay Sumé na Evangelização feita pelos Jesuítas na América do Sul nos séculos XVI e XVII. ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História – Londrina, 2005.

**Combès**, Isabelle – El Paititi y Las Migraciones Guaraníes, in Paititi Ensaio y Documentos, Instituto Latinoamericano de Misionología, Bolívia, 2011

**Combès**, Isabelle - El Candire de Condori. El Saypurú inca y la “tierra sin mal in Arqueologia, Etnologia e Etno-história em Iberoamérica - UFGD (Universidade Federal da Grande Dourados), Dourados, 2010

**Eliade**, Mircea - O Mito do Eterno Retorno. Lisboa: 70, 1985.

**Farina**, Claus – A Integração Cultural Pré-Colombiana na América do Sul – O Peabiru <http://museujulioartigos.blogspot.com/2018/11/a-integracao-cultural-pre-colombiana-na.html>. Consultado em 14/10/2019.

**Favre**, Henri. A civilização Inca. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1992

**Fleck**, Eliane Cristina Deckmann - Em memória de São Tomé: pegadas e promessas a serviço da conversão do gentio (séculos XVI e XVII), Estudos Ibero-Americanos, PUCRS, v. 36, n. 1, p. 67-86, jan./jun. 2010

**Godelier**, Maurice - Economia Fetichismo y Religion em las Sociedades Primitivas. Madri :Siglo XXI, 1973.

**Jung**, C. G. - Psicologia do Inconsciente. Petrópolis: Vozes, 1978.

**Krenak**, Ailton – Ideias Para Adiar o Fim do Mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

**Laraia**, Roque de Barros – As Religiões Indígenas: O Caso Tupi-Guarani. REVISTA USP, São Paulo, n.67, p. 6-13, setembro/novembro 2005

**Lehmann**, Henri. As civilizações pré-colombianas. SP/RJ: Difel, 1979

**Leveratto**, Yuri - Expedição a cordilheira de Paucartambo: as ruínas de Miraflores,  
[http://www.academia.edu/12323481/Expedi%C3%A7%C3%A3o\\_a\\_cordilheira\\_de\\_Paucartambo\\_as\\_ruinas\\_de\\_Miraflores](http://www.academia.edu/12323481/Expedi%C3%A7%C3%A3o_a_cordilheira_de_Paucartambo_as_ruinas_de_Miraflores) 2011 – acessado em 19/11/2018.

**Leveratto**, Yuri – Expedição na selva de Rondonia: a Fortaleza do rio Madeira,  
[http://www.academia.edu/12323244/Expedi%C3%A7%C3%A3o\\_na\\_selva\\_de\\_Rondonia\\_a\\_Fortaleza\\_do\\_Rio\\_Madeira](http://www.academia.edu/12323244/Expedi%C3%A7%C3%A3o_na_selva_de_Rondonia_a_Fortaleza_do_Rio_Madeira) 2011 - consultado em 19/11/2018.

**Leveratto**, Yuri – Expedición em La selva Del Río Guaporé: El sitio arqueológico de ciudad Laberinto,  
[http://www.academia.edu/12322905/Expedici%C3%B3n\\_en\\_la\\_selva\\_del\\_R%C3%ADo\\_Guapor%C3%A9\\_el\\_sitio\\_arqueol%C3%B3gico\\_de\\_ciudad\\_Laberinto?auto=download](http://www.academia.edu/12322905/Expedici%C3%B3n_en_la_selva_del_R%C3%ADo_Guapor%C3%A9_el_sitio_arqueol%C3%B3gico_de_ciudad_Laberinto?auto=download) 2011 - consultado em 19/11/2018.

**Levi-Strauss**, Claude - Mito e Significado. Lisboa: 70, 1978.

**Lopes**, Reinaldo José - 1499: a pré-história do Brasil / Reinaldo José Lopes. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.

**Mann**, Charles C - 1491: Novas Revelações das Américas antes de Colombo – Editora Objetiva, 2007

**Malinowski**, B - Magia, Ciência y Religion. Barcelona: Ariel, 1974

**Maziero**, Dalton Delfini. América misteriosa, crônicas de um continente mágico. São Paulo: Independente, 2020.

**Métraux**, Alfred. A Religião dos Tupinambás e suas Relações com as demais tribos Tupi-Guaranis. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1950.

**Miranda**, Evaristo Eduardo de. Quando o Amazonas corria para o Pacífico: uma história desconhecida da Amazônia. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007.

**Neves**, Ana Maria Bergamin; **Humberg**, Flávia Ricca. Os Povos da América: dos primeiros habitantes às primeiras civilizações urbanas. São Paulo: Atual, 1996.

**Pärssinen**, Martin - Quando começou, realmente, a expansão guarani em direção às Serras Andinas Orientais? - Revista de Arqueologia, Universidade Federal do Pará, 18: 51-66, 2005

**Peregalli**, Enrique – A América que os Europeus Encontraram – Editora da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1987

**Poty**, Awaju –. Caderno de textos da disciplina “Cosmovisão dos Povos Afro-brasileiros e Indígenas” do curso de Pós-Graduação em História das Culturas Afro-brasileira e Indígena – UNINTER, 2018.

**Prada**, Cecília - Peabiru, a trilha misteriosa 2011

**Prous**, André – O Brasil Antes dos Brasileiros – A Pré-História do Nosso País – Jorge Zahar Editor, 2006

**Schaan**, Denise Pahl - A Amazônia em 1491 in Especiaria – Cadernos de Ciências Humanas / Universidade Estadual de Santa Cruz. vs. 11 e 12, ns. 20 e 21 jul./dez. 2008 e jan./jun. 2009

**Schmitz et al.** Pré-história do RS. São Leopoldo: Unisinos, 1991.

**Susnik**, Branislava - Cultura Religiosa I (Ambito Americano) Assunção: Museu Etnográfico, 1989

**Susnik**, Branislava - Los Aborígenes del Paraguay. vols. 3,4,5 e 6. Assunção, 1985.

**Tyuleneva**, Vera - El Paititi en los Llanos de Mojos - 2012

[https://www.researchgate.net/publication/273634454\\_El\\_Paititi\\_en\\_los\\_Llanos\\_de\\_Mojos](https://www.researchgate.net/publication/273634454_El_Paititi_en_los_Llanos_de_Mojos)

**Tyuleneva**, Vera – El Paititi y las Expediciones Incas em la selva al Este de Cusco - [https://www.academia.edu/6374136/El\\_Paititi\\_y\\_las\\_expediciones\\_incas\\_en\\_la\\_selva\\_al\\_este\\_del\\_Cusco\\_En\\_Isabelle\\_Comb%C3%AAs\\_y\\_Vera\\_Tyuleneva\\_eds\\_Paititi\\_Ensayos\\_y\\_documentos\\_Serie\\_Scripta\\_Autochtona\\_8\\_Cochabamba\\_Instituto\\_Latinoamericano\\_de\\_Misionolog%C3%ADa\\_Editorial\\_Itinerarios\\_2011\\_Pp\\_7\\_22](https://www.academia.edu/6374136/El_Paititi_y_las_expediciones_incas_en_la_selva_al_este_del_Cusco_En_Isabelle_Comb%C3%AAs_y_Vera_Tyuleneva_eds_Paititi_Ensayos_y_documentos_Serie_Scripta_Autochtona_8_Cochabamba_Instituto_Latinoamericano_de_Misionolog%C3%ADa_Editorial_Itinerarios_2011_Pp_7_22)

**Vainfas**, Ronaldo – Idolatrias e Milenarismos: A Resistência Indígena nas Américas, in Estudos Históricos, RJ, Vol. 5 nº 9, 1992

**Vernant**, Jean Pierre. Mito e Sociedade na Grécia Antiga. Rio de Janeiro: José Olimpo, 1992.

**Vitebsky**, Piers. O Xamã. Ed. Evergreen, Koln, 2001.

#### **SITES:**

[https://www.sescsp.org.br/online/artigo/5670\\_PEABIRU+A+TRILHA+MISTERIO-SA](https://www.sescsp.org.br/online/artigo/5670_PEABIRU+A+TRILHA+MISTERIO-SA). Acessado em 14/10/2019

[https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani\\_%C3%91andeva#Mitologia\\_e\\_ri\\_tuais](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani_%C3%91andeva#Mitologia_e_ri_tuais). Acessado em 14/10/2019

<http://sciam.uol.com.br/mitos-e-estacoes-no-ceu-tupi-guarani/>. Acesso em 14/10/2019

[https://www.mat.uc.pt/mpt2013/files/tupi\\_guarani\\_GA.pdf](https://www.mat.uc.pt/mpt2013/files/tupi_guarani_GA.pdf) Mitos e Estações no Céu Tupi-Guarani - SCIENTIFIC AMERICAN BRASIL ESPECIAL ETNOASTRONOMIA. Acessado em 14/10/2019

[www.etnolinguística.org](http://www.etnolinguística.org). Biblioteca Digital Curt Nimuendaju – Coleção Nicolai Revista de Antropologia Volumes 15 e 16 – As Flautas Rituais dos Nambikura. Desidério Aytai, Universidade de São Paulo, 1967. Acessado em 10/09/2021

## **VÍDEOS E DOCUMENTÁRIOS:**

Vídeo - Altar Cerimonial Sagrado de Paititi

<https://www.youtube.com/watch?v=Gxh6c4Qr9WI>. Acessado em 14/07/2021

Vídeo - Aquí nace la LEYENDA DEL DORADO!!! | Laguna de Guatavita

<https://www.youtube.com/watch?v=vXkj91cuTJ4&t=113s>. Acessado em 10/07/2021

Vídeo - Caminho de Peabiru - De Lá Pra Cá - 27/11/2011

<https://www.youtube.com/watch?v=7SojNJmu4NM>. Acessado em 14/10/2019

Vídeo - Città perduta di Labirinto <https://www.youtube.com/watch?v=-WDXATDtii&t=76s>. Acessado em 06/08/2021

Vídeo - CIVILIZAÇÕES DO BRASIL PRÉ-COLONIAL

[https://www.youtube.com/watch?v=\\_kwdEQpVpQE](https://www.youtube.com/watch?v=_kwdEQpVpQE). Acessado em 08/05/2021

Vídeo Documentário "12.000 Anos de História - Arqueologia e Pré História do RS" <https://www.youtube.com/watch?v=qgKyUJLbF6k>. Acessado em 22/04/2021

Vídeo – Expedição Peabiru – Pay Tumé (2007)

<https://www.youtube.com/watch?v=zBKhg4mFuw4>. Acessado em 14/10/2019

Vídeo - El auténtico origen de EL Dorado

[https://www.youtube.com/watch?v=gy6CH\\_U5Us4&t=5s](https://www.youtube.com/watch?v=gy6CH_U5Us4&t=5s). Acessado em 21/01/2021

Vídeo de Guerras do Brasil.Doc episódio1

<https://www.youtube.com/watch?v=VeMISgnVDZ4>. Acessado em 18/11/2020

Vídeo - La città perduta di Labirinto

<https://www.youtube.com/watch?v=lz1ws092pkg>. Acessado em 06/08/2021

Vídeo - La Leyenda de Bochica y el Salto del Tequendama, Bochica el Dios

Barbado. <https://www.youtube.com/watch?v=De5MY-CBxE0&t=3s> .Acessado em 08/10/2021

Vídeo - Les civilisations de l'Amazonie ancienne  
<https://www.youtube.com/watch?v=kb9zq6puTb4&t=158s>. Acessado em 09/03/2021

Vídeo - LOS INCAS EN BRASIL Y LA SELVA AMAZÓNICA <https://www.youtube.com/watch?v=mCYXYXns48U&t=4s>. Acessado em 13/06/2021

Vídeo - Los Misterios del Gran Paititi  
<https://www.youtube.com/watch?v=F8Lnvht0fDA&t=20s>. Acessado em 27/07/2021

Video - Lost Cities Of The Amazon Ancient Civilizations Amazonian Garden  
Lost City Of Z Michael Heckenberger  
<https://www.youtube.com/watch?v=xoMKOtOp1Zc&t=54s>. Acessado em 01/11/2021

Vídeo - Lost City of Cahokia | Animated Documentary | Myth Stories  
<https://www.youtube.com/watch?v=HypZvynfVGM>. Acessado em 09/10/2021

Vídeo - Kangwaá - Cantando para Nhanderú - Índios Tupi Guarani  
<https://www.youtube.com/watch?v=6poEuFqAe8E&t=84s>. Acessado em 14/05/2021

Vídeo - KUIHIKUGU A CIDADE PERDIDA NA FLORESTA AMAZÔNICA  
<https://www.youtube.com/watch?v=amHTAA5ouPk>. Acessado em 01/11/2021

Vídeo - Mitos & Leyendas Colombianas: Los Muiscas  
<https://www.youtube.com/watch?v=4yN4gZsPVy8>. Acessado em 02/09/2021

Vídeo - Serra Muralha ameaçada pelo desrespeito do homem  
<https://www.youtube.com/watch?v=Bd8sFvKg8yY>. Acessado em 18/09/2021

Vídeo - Sítio arqueológico no interior de Rondônia está ameaçado pelo desrespeito do homem  
<https://www.youtube.com/watch?v=dHOL5MasPiE>. Acessado em 21/04/2021

Vídeo - The Secret Of Eldorado - TERRA PRETA  
<https://www.youtube.com/watch?v=0Os-ujelkgw&t=1514s>. Acessado em 14/03/2021

Vídeo - Shincal: La huella Inca en Argentina [HD]  
<https://www.youtube.com/watch?v=M8936g-8SJQ>. Acessado em 07/07/2021

## **IMAGENS:**

### **Acervo MJC**

Figura 1 - Antebraço mumificado - Peru pré-inca – Peru – Foto Angelita Silva

Figura 2 - Antebraço mumificado - Peru pré-inca – Peru – Foto Angelita Silva

Figura 3 - Ficha Catalográfica do Antebraço mumificado - Acervo MJC– Foto Angelita Silva

Figura 4 - Ficha Catalográfica do Antebraço mumificado – Acervo MJC – Foto Angelita Silva

Figura 5 - Faca de estilo Inca – Foto Angelita Silva

Figura 6 - Faca de estilo Inca – Foto Angelita Silva

Figura 7 - Máscaras Ticuna Amazônia Brasil/Peru - Máscara da Festa da Menina Nova - Acervo MJC

Figura 8 - Máscaras Ticuna Amazônia Brasil/Peru – Máscara da Festa para o apapaatai – Acervo MJC

Figura 9 - Máscaras Ticuna Amazônia Brasil/Peru – Máscara Tamakó – Acervo MJC

Figura 10 - Ficha catalográfica Máscara para Ritual – Acervo MJC - Foto Angelita Silva

Figura 11 - Ficha catalográfica Máscara para Ritual – Acervo MJC - Foto Angelita Silva

Figura 12 - Máscara Kalapalo – Xingu – Brasil – Foto Angelita Silva

Figura 13 e 14 - Ficha catalográfica de objeto de uso desconhecido (Pegada do Pay Sumé) – Foto Angelita Silva

Figura 15 - Objeto de uso desconhecido (Pegada do Pay Sumé) – Foto Angelita Silva

Figura 16 - Ficha catalográfica de Zoólito – Foto Angelita Silva

Figura 17 - Ficha catalográfica de Zoólito – Foto Angelita Silva

Figura 18 - Ficha catalográfica de Boleadeira Mamilar – Foto Angelita Silva

Figura 19 - Ficha catalográfica de Boleadeira Mamilar – Foto Angelita Silva

Figura 20 - Ficha catalográfica de Adorno de Penas Alto Gurupi – Foto Angelita Silva

Figura 21 - Ficha catalográfica de Adorno de Penas do Alto Gurupi – Foto Angelita Silva

Figura 22 - Adorno de Penas (Coleção Barbedo) Mato Grosso – Foto Angelita Silva

Figura 23 - Ficha catalográfica de Adorno de Penas (Coleção Barbedo) Mato Grosso – foto Angelita Silva

Figura 24 - Ficha catalográfica de Adorno de Penas (Coleção Barbedo) Mato Grosso – foto Angelita Silva

Figura 25 - Leque de Penas Inhambu com Patchuli - Índios Tucanos do Pará – Brasil – Foto Angelita Silva

Figura 26 - Ficha catalográfica de Leque de Penas Inhambu com Patchuli – Foto Angelita Silva

Figura 27 - Cocar - Aldeia Rio Negro Okaia – Amazonas – Brasil – Foto Angelita Silva

Figura 28 - Ficha catalográfica do Cocar - Aldeia Rio Negro Okaia – Amazonas – Brasil – Foto Angelita Silva

Figura 29 - Ficha catalográfica do Cocar - Aldeia Rio Negro Okaia – Amazonas – Brasil – Foto Angelita Silva

Figura 30 - Tambor da tribo Pakaás (Cultura Wari) – Rondônia - Brasil/Bolívia – Foto Angelita Silva

Figura 31 - Tambor da tribo Pakaás (Cultura Wari) – Rondônia - Brasil/Bolívia – Foto Angelita Silva

Figura 32 - Ficha catalográfica do Tambor da tribo Pakaás (Cultura Wari) – Foto Angelita Silva

Figura 58 - Exposição Memória e Resistência no Museu Julio de Castilhos (MJC) – Foto Angelita Silva

Figura 59 – Exposição Memória e Resistência no Museu Julio de Castilhos (MJC) – Foto Angelita Sil-va

Figura 60 - Exposição Memória e Resistência no Museu Julio de Castilhos (MJC) – Foto Angelita Silva

### **Crédito das Imagens**

Figura 33 – Machu Picchu

<https://kbperu.com/machu-picchu/machu-picchu-tips/> Acessado em 12/12/2021

Figura 34 - Reprodução digital da Cidade Jardim de Kuhikugu no século XV -

<http://numerocinqmagazine.com/wp-content/uploads/2016/12/Kuhikugu.jpg>

Acessado em 04/12/2021

Figura 35 - Cerâmica Marajoara - <https://laart.art.br/blog/arte-marajoara>

Acessado em 04/12/2021

Figura 36 - Cerâmica Tapajônica -

<https://mobile.twitter.com/ccostah/status/976656899902005250/photo/1>

Acessado em 04/12/2021

Figura 37 - Rota principal do Peabiru

<https://www.xapuri.info/arqueologia/caminho-peabiru-estrada-inca> Acessado em 04/12/2021

Figura 38 - Sistema de caminhos do Peabiru e seus ramais

<https://www.cultseraridades.com.br/wp-content/uploads/2020/12/Peabiru.jpg>

Acessado em 04/12/2021

Figura 39 - Um petróglifo do caminho do Peabiru

<http://omundovariavel.blogspot.com/2015/06/peabiru-estrada-inca-que-cortava-o.html> Acessado em 05/12/2021

Figura 40 - Sistemas de caminhos e estradas - Altamirano, Alfredo José - Importância da Arqueologia Para a Integração da América do Sul: O Legado do Império Inca, in Caderno de Artigos do Seminário “América do Sul em Debate: Perspectivas da Integração” - UFRJ, Rio de Janeiro, 2008. Pág. 110

Figura 41 - Geoglifo no Acre <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/822>

Acessado em 09/12/2021

Figura 42 - Mapa das rotas de migração tupi-guarani

<https://www.scielo.cl/img/revistas/lyl/n36//0716-5811-lyl-36-00299-gch3.jpg>

Acessado em 02/12/2021

Figura 43 – Bochica

[https://gl.wikipedia.org/wiki/Bochica#/media/Ficheiro:Al\\_Dios\\_Cuitiva.JPG](https://gl.wikipedia.org/wiki/Bochica#/media/Ficheiro:Al_Dios_Cuitiva.JPG)

Acessado em 12/12/2021

Figura 44 - Pay Sumé

<https://my-bestiario.fandom.com/pt-br/wiki/Sum%C3%A9?file=Sum%25C3%25A9.jpg> Acessado em 12/12/2021

Figura 45 - Fortaleza de las Piedras, Bolívia

<https://www.paginasiete.bo/gente/2017/3/10/peligra-riqueza-arqueologica-amazonia-boliviana-130069.html#&gid=1&pid=1> Acessado em 16/11/2021

Figura 46 - Cidadela de Miraflores, Bolívia Foto Yuri Leveratto

<https://museujulioartigos.blogspot.com/2018/11/a-integracao-cultural-pre-colombiana-na.html> Acessado em 06/12/2021

Figura 47 - Fortaleza do Rio Madeira, Serra da Muralha, Rondônia, Brasil Foto Yuri Leveratto

<http://arqueologiamericana.blogspot.com/2012/06/expedicao-na-selva-de-rondonia-o.html> Acessado em 16/01/2021

Figura 48 - Cidade Labirinto, Rondônia, Brasil Foto Yuri Leveratto

<http://museujulioartigos.blogspot.com/2018/11/a-integracao-cultural-pre-colombiana-na.html> Acessado em 19/02/2021

Figura 49 - Cidade Labirinto, Rondônia, Brasil

<https://memoriaspoeticas-sobreviventes.blogspot.com/2019/04/memorias-poeticas-cidade-perdida.html> Acessado em 19/02/2021

Figura 50 - Altar com bacias escavadas na pedra em Alto Floresta Oeste (Rondônia) Foto Joaquim Cunha da Silva

<http://eldorado-paititi.blogspot.com/2013/08/localizado-em-rondonia-brasil-o-altar.html> Acessado em 04/12/2020

Figura 51 - Geoglifo circular no Acre

[https://www.apolo11.com/noticias.php?t=Enigma\\_No\\_Acre\\_marcas\\_deixadas\\_no\\_solo\\_intrigam\\_pesquisadores&id=20070704-095116](https://www.apolo11.com/noticias.php?t=Enigma_No_Acre_marcas_deixadas_no_solo_intrigam_pesquisadores&id=20070704-095116) Acessado em 14/10/2021

Figura 52 - Reconstituição digital de um geoglifo

[http://mtc-m21b.sid.inpe.br/col/sid.inpe.br/mtc-m21b/2017/11.09.11.52/doc/DanielAndresRodriguez-Projeto\\_Educacao-30Set2017.pdf](http://mtc-m21b.sid.inpe.br/col/sid.inpe.br/mtc-m21b/2017/11.09.11.52/doc/DanielAndresRodriguez-Projeto_Educacao-30Set2017.pdf) Acessado em 09/12/2021

Figura 53 - Reprodução de um montículo piramidal em Llanos de Mojo

<http://hernehunter.blogspot.com/2009/05/urbanizacao-amazonica.html>  
Acessado em 12/12/2021

Figura 54 - Croqui de Llanos de Mojo pelo autor

Figura 55 - Reprodução digital de Llanos de Mojo no século XV

<https://www.youtube.com/watch?v=0Os-ujelkgw&t=1514s> Acessado em 30/11/2021

Figura 56 - Representação digital das casas subterrâneas gaúchas

<https://www.xapuri.info/arqueologia/casas-subterraneas-dos-kaingang-povos-da-tradicao-taquara/> Acessado em 02/09/2021

Figura 57 - Geoglifos gaúchos

<https://profissaogeografo.blogspot.com/2014/03/o-descobridor-de-geoglifos-gauchos.html> Acessado em 27/11/2021





CLAUS FARINA

HISTORIADOR (PUCRS)

ESPECIALISTA EM HISTÓRIA DAS CULTURAS AFRO-BRASILEIRA E INDIGENA (UNINTER)

ESPECILISTA EM MÚSICA E COGNIÇÃO (UNINTER)

ANALISTA EM ASSUNTOS CULTURAIS DO MUSEU JULIO DE CASTILHOS (SEDAC/RS)

